



**Universidade do Porto
Faculdade de Desporto**

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro).

Orientador: Professor Doutor Ramiro Rolim

Luís Filipe Teixeira Macedo

Porto, Maio de 2010

Ficha de Catalogação

Macedo, L. (2010). *Relatório de Estágio Profissional*. Porto: L. Macedo. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, FORMAÇÃO INICIAL, REFLEXÃO, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.

Agradecimentos

Ao meu Orientador, Professor Doutor Ramiro Rolim, pelo auxílio e disponibilidade, e pelos conhecimentos que me transmitiu nestes dois anos de contacto.

À minha Professora Cooperante, Mestre Luísa Brandão, por me ajudar com a sua experiência a ser um Professor.

Aos meus colegas de estágio, João e Tânia pelos momentos passados na escola e intercâmbio de conhecimentos.

Ao meu amigo o Mestre Marco Moreira, pelas valiosas informações ao longo deste ano complicado.

A ti meu Amor, por todos os nossos momentos, por todo o apoio e por fazeres parte da minha vida.

Aos meus pais e irmã por me aturarem, educarem e permitirem que estude aquilo que mais gosto.

A todos vocês, o meu muito obrigado

Índice Geral

RESUMO	XI
ABSTRACT	XIII
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO.....	5
2.1 Reflexão autobiográfica.....	7
2.2 Expectativas em relação ao Estágio Profissional.....	9
3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	13
3.1 Macro Contexto.....	15
3.2 Contexto Legal:	17
3.3 Contexto Institucional e Funcional.....	18
4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	21
4.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	23
4.1.1. <i>Enquadramento do Estudo</i>	29
4.1.2. <i>Comunicação e Educação na Escola</i>	30
4.1.3. <i>Relação, Pedagogia, Relação Pedagógica</i>	33
4.1.4. <i>Condições gerais da Relação Pedagógica (Estrela, 1992)</i>	36
4.1.5. <i>Comunicação na Relação Pedagógica</i>	38
4.1.6. <i>Obstáculos à comunicação na Relação Pedagógica</i>	40
4.1.7. <i>Relação Pedagógica na Aula de Educação Física</i>	41
4.1.8. <i>Conclusões e Estratégias implementadas</i>	43
4.1.8. <i>Enquadramento do estudo</i>	45
4.1.9. <i>Revisão da Literatura</i>	46
4.1.10. <i>Objectivos</i>	49
4.1.11. <i>Material e Métodos</i>	50
4.1.12. <i>Apresentação e Discussão dos Resultados</i>	51
4.1.13. <i>Conclusão/Estratégias Implementadas</i>	53

4.2. Área 2 – Participação na Escola.....	56
4.2.1. Actividades organizadas pelo Núcleo de Estágio de EF.....	57
4.3. Área 3 – Relações com a Comunidade	61
4.4. Área 4 – Desenvolvimento Profissional	63
5.1. Perspectivas Futuras.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXOS	i

ÍNDICE DE FÍGURAS

Figura 1 - Dados da estatística Descritiva	51
Figura 2 - Resultados da Estatística Correlacional	52

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Ficha de Caracterização do Aluno	iii
Anexo 2 - Ficha Sociobiográfica	vii
Anexo 3 – Projecto Dona Sport	xiii
Anexo 4 – Projecto Desporto Escolar Natação.....	xv

RESUMO

O Estágio Profissional visa a aquisição de competências profissionais que permitam um ensino eficaz da Educação Física, sendo este relatório de estágio a reflexão final acerca de toda essa prática. A FADEUP define quatro áreas fundamentais de desempenho que o estagiário deve desenvolver, sendo elas: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, “Participação na Escola”, “Relações com a Comunidade” e “Desenvolvimento Profissional”.

A supervisão deste processo esteve a cargo de um Professor Cooperante, docente da escola e um Orientador de Estágio, docente da FADEUP. O estágio foi realizado na Escola Secundária D. Maria II, na cidade de Braga, com um Núcleo de Estágio constituído por três elementos.

A divisão deste relatório de estágio foi efectuada em 4 Capítulos: O primeiro deles, designa-se de “Enquadramento Biográfico”, onde elaborei uma reflexão autobiográfica relativamente ao meu percurso académico e desportivo, apresentando também as minhas principais expectativas em relação ao estágio profissional. O segundo capítulo reporta-se ao “Enquadramento da Prática Profissional”, sendo organizado em quatro temas fundamentais, sendo eles: o contexto funcional, legal, institucional e o macro-contexto. O terceiro capítulo, “Realização da Prática Profissional”, será o fulcro do relatório. Nele estarão condensadas as informações e reflexões mais pessoais referentes à evolução do meu processo de estágio. No quarto e último capítulo, “Conclusão e Perspectivas para o Futuro”, procuro sintetizar alguns dos pontos-chave deste ano lectivo, debruçando-me e reflectindo acerca da minha aprendizagem e da minha evolução enquanto docente.

Ao longo do ano lectivo foram realizados um ensaio acerca do tema “Relação Pedagógica” e um projecto de acção sobre a “Motivação Intrínseca”, ambos inseridos neste documento.

PALAVRAS-CHAVES: ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, FORMAÇÃO INICIAL, REFLEXÃO, DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.

ABSTRACT

The Traineeship aims to acquire the Professional competences that allow an effective teaching process in Physical Education, and this report is the last reflection on this stage. FADEUP defines four main areas of development that the internee must expand, those being: “Organization and Development of Teaching and Learning”, “Participation in School”, “Relationship with the Community” and “Professional Development”.

The supervision of this process was charged on a teacher from the school and one from the Faculty. The practicum took place in the Secondary School of “D. Maria II” in a group composed by three elements.

The division of the current report is made in four chapters: the first one is entitled “Biographic Guidelines” in witch is illustrated my academic and sportive experiences, and my expectations on the practicum. The second chapter refers to four main themes: functional context, legal, institutional and macro context. The third chapter is the fulcrum of this report. In witch there will be the information and reflections more personal that helped my improvement during the practicum. In the fourth and last chapter, I try to synthesize some key points of this year, reflecting about my learning and evolution as a future teacher.

During the year there were been made two investigations, the first about “Pedagogic Relationship” and the second about “Intrinsic Motivation”, being both included in this document.

KEY WORDS: PRATICUM, TEACHER, INITIAL TRAINING, REFLECTION, PROFESSIONAL DEVELOPMENT.

ABREVIATURAS

CLDE – Coordenação Local de Desporto Escolar

EF – Educação Física

EP – Estágio Pedagógico

ESDMII – Escola Secundária D. Maria II

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

IMI – Intrinsic Motivation Inventory

MEC – Modelo de Estruturas do Conhecimento

OE – Orientador de Estágio

PC – Professora Cooperante

PFI – Projecto de Formação Individual

UT – Unidade Temática

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Este relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular “Estágio Profissional”, conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

O Estágio Profissional (EP) foi realizado na Escola Secundária D. Maria II, localizada no centro da cidade Braga. Fui integrado num Núcleo de Estágio em conjunto com dois colegas da FADEUP, o João Ribeiro e a Tânia Oliveira, fui orientado pela Professora Cooperante Maria Luísa Brandão e acompanhado pelo Orientador de Estágio da FADEUP, Professor Ramiro Rolim.

Tive a oportunidade de leccionar, durante um ano lectivo, a uma das turmas da Professora Cooperante, apesar de esta se manter como professora titular. Fiquei então incumbido de, durante todo o ano lectivo assumir todas as tarefas e funções inerentes à docência, nomeadamente, pelo planeamento, realização e avaliação do processo ensino-aprendizagem numa turma de 10º Ano.

O modelo de estágio definido pela FADEUP pretende formar professores que planeiam e reflectem sobre a sua prática pedagógica. Os estudantes-estagiários leccionam as aulas, sempre acompanhados pelo Professor Cooperante, que, por sua vez, os tenta ajudar a atingir um estado de maturidade e independência.

Assim, este Relatório de Estágio, vem no seguimento da realização da prática pedagógica supervisionada, tentando ser um documento que retrata esse mesmo processo. Portanto, nele estão inscritos os marcos fundamentais deste ano lectivo, ou seja, todos os acontecimentos significativos.

Quanto à organização deste relatório, segui as normas de redacção do estágio que definem a sua divisão em quatro capítulos:

O primeiro deles, designa-se de “Enquadramento Biográfico”, onde elaborei uma reflexão autobiográfica relativamente ao meu percurso académico e desportivo, apresentando também as minhas principais expectativas em relação ao estágio profissional.

O segundo capítulo reporta-se ao “Enquadramento da Prática Profissional”, sendo organizado em quatro temas fundamentais, sendo eles: o contexto funcional, legal, institucional e o macro-contexto. Este capítulo procura caracterizar e descrever o contexto em que se realizou o estágio, desde o espaço físico, até ao enquadramento conceptual.

O terceiro capítulo, “Realização da Prática Profissional”, será o fulcro do relatório. Nele estarão condensadas as informações e reflexões mais pessoais referentes à evolução do meu processo de estágio. Este capítulo está subdividido em quatro Áreas: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”; Área 2 – “Participação na Escola”; Área 3 – “Relações com a Comunidade”; Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”. Neste capítulo estão também inseridos o Ensaio e pelo Projecto de Investigação-Acção.

No quarto e último capítulo, “Conclusão e Perspectivas para o Futuro”, procuro sintetizar alguns dos pontos-chave deste ano lectivo, debruçando-me e reflectindo acerca da minha aprendizagem e da minha evolução enquanto docente. Estão também incluídas algumas perspectivas acerca do meu futuro profissional e académico.

2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO

2.1 Reflexão autobiográfica

Para iniciar este meu Relatório de Estágio, e seguindo a estrutura proposta pelos documentos orientadores, começo por me apresentar, fazendo referência ao meu percurso pessoal, académico e desportivo.

A 6 de Maio de 1987, nasci numa aldeia situada na margem Sul do Rio Lima, e aí vivi até ir para a faculdade. Frequentei o Jardim Infantil e a Escola Primária de Mazarefes, tendo realizado o 2º e 3º Ciclos na Escola EB 2,3 de Monte da Ola, Viana do Castelo.

Cedo me apercebi que o desporto faria parte da minha vida, pois, desde novo, este ocupava quase na totalidade os meus tempos livres. Tendo essa noção, decidi ir para a única Escola Secundária que tinha a disciplina de Desporto. Frequentei o Ensino Secundário na Escola de Monserrate, Viana do Castelo, onde o meu professor de Educação Física e Desporto me preparou de forma fantástica para os Pré-Requisitos. Em forma de reflexão, e após os conhecimentos que adquiri na Faculdade, posso concluir que foi o professor que mais se aproximou das características que aprendi na Faculdade.

O ano seguinte representou uma mudança radical na minha vida, pois entrei no curso que sempre desejei e, melhor que isso, na Faculdade que escolhi como primeira opção. Como a FADEUP se localiza no Porto, vi-me forçado a sair da casa onde sempre vivi, e a alugar um apartamento numa zona mais próxima, como forma de reduzir o tempo de deslocação casa-faculdade.

Os primeiros dois anos em que estudei na FADEUP foram tempos muito calmos, não me sendo exigido muito trabalho para realizar todas as Unidades Curriculares. Esse facto fez-me desleixar um pouco e perder alguns dos hábitos de estudo adquiridos anteriormente. Por outro lado, as cadeiras práticas, na minha opinião, pouco contribuíram para a minha formação. Baseio esta minha sensação na pouca explicação das metodologias utilizadas, nos poucos feedbacks fornecidos, e no tipo de exigências feitas nas Avaliações. Assim, a minha crítica baseia-se no facto das cadeiras mais práticas serem

apenas momentos de exercitação, sem a preocupação de contextualizar minimamente as tarefas propostas, quando poderiam ser momentos riquíssimos de transmissão de conhecimentos.

Nos terceiro e quarto anos aprendi realmente o que será importante para leccionar numa escola. As Unidades Curriculares de Didáctica I e II foram extremamente enriquecedoras, e penso que formaram todos os Alunos para serem futuros Professores competentes.

Durante este caminho percorrido, simultaneamente com a realização da licenciatura, fui recolhendo muita informação que, por certo, me será útil no futuro. Consegui conciliar com as demais actividades académicas as frequências e conclusões dos cursos de treinador de Basquetebol de nível 1 e do de nadador salvador. Estas formações são importantes, não só pelos conhecimentos que adquiri, mas também porque, no actual contexto social, poderão revelar-se preponderantes ao nível da empregabilidade.

Parece-me, também, importante falar um pouco acerca do meu percurso desportivo, uma vez que foi o Desporto que me trouxe até aqui. Além de sempre ter realizado actividades físicas nos meus tempos livres, pratiquei algumas modalidades como atleta federado.

Aos 4 Anos, os meus pais decidiram inscrever-me na Natação, com o objectivo de aprender a nadar. Os anos foram passando, a paixão pela modalidade foi crescendo até que me tornei atleta federado pela Escola Desportiva de Viana. Aos 13 anos, após uma longa paragem por lesão, perdi o ritmo de treino, não conseguindo acompanhar os meus colegas, pelo que me retirei desta modalidade, com muita pena minha.

Apenas consegui estar um mês sem ter uma actividade desportiva extra-escolar. Após alguma pesquisa da oferta existente, optei pelo Basquetebol, no mesmo clube. Sempre gostei de assistir a jogos e como era alto, para a minha idade, pensei que poderia ter algum sucesso. Com alguma rapidez adquiri os conhecimentos básicos do jogo. A resistência aeróbia que desenvolvi na natação foi uma grande ajuda para garantir, desde cedo, um lugar na equipa. Nunca vencemos nada a nível nacional, apesar de constantemente vencermos os campeonatos regional e distrital, pois a concorrência era escassa.

Após entrar na faculdade deixei a prática federada da modalidade, por impossibilidade de treinar com regularidade, passando a jogar exclusivamente na equipa da FADEUP. Nesta equipa, o melhor resultado que atingimos foi o segundo lugar a nível nacional, o que soube a pouco, porque apenas o primeiro iria representar o nosso país no Europeu.

O estágio levou-me à cidade de Braga onde decidi retomar a actividade física no Basquetebol. Surgiu a oportunidade de representar o S.C. Braga e eu aproveitei. É uma equipa muito jovem, com jogadores exclusivamente da formação, na qual me integrei rapidamente.

Penso que, em cada modalidade e clube, consegui sempre retirar alguns conhecimentos que me poderão ser bastante úteis no meu futuro profissional, que, para já, me parece incerto.

2.2 Expectativas em relação ao Estágio Profissional

O Estágio Profissional representa o fim da formação inicial do Professor, sendo que o estudante estagiário se encontra num duplo enquadramento profissional. Esta Unidade Curricular visa “a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam, nos futuros docentes, um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão” (Normas Orientadoras do Estágio Profissional, 2009). Isto significa que este é um momento em que o Estudante aprende a SER PROFESSOR, não apenas teoricamente, mas na prática, com Alunos e contextos verdadeiros.

Assim, este Ano Lectivo representa uma mudança radical em relação aos anos anteriores do Curso. Instala-se nele uma ruptura entre a teoria e a prática, entre o comentar e o fazer. Ao longo de 4 anos fomos preparados para actuar na escola, aplicando um corpo de conhecimentos, nomeadamente teorias, modelos, métodos, prática pedagógica, entre outras, sendo que este é o momento de passar à acção, assumindo com maior autonomia todo o processo de ensino aprendizagem.

Após a aprovação no quarto fiquei muito contente, pois finalmente ia para o local onde sempre desejei trabalhar. Digo quarto Ano e não primeiro do segundo ciclo pois fui apanhado num plano de transição, o que complicou um pouco o último ano de Curso, que passou a equivaler ao grau de Mestre.

Porém, com a passagem do Verão, alguma inquietação se instalou em mim. Por vezes questioneei-me sobre o que aconteceria se esta não fosse, de facto, a minha vocação. Mas, com o início das Aulas, percebi que, de facto, “é isto que eu quero”, uma oportunidade para ser o professor que gostava de ter tido quando era aluno.

A primeira etapa como professor foi esgotante. Não estava habituado a começar tão repentinamente o ano lectivo. Essa carga de trabalho foi inicialmente difícil de sustentar, porém, ao fim de algumas semanas, o ritmo estava adquirido e o cansaço foi sendo menor.

Antes ainda de conhecer a turma, já “planeava” ensinar-lhes tudo, matérias bem complicadas, ser alguém que os marcasse pela positiva e que lhes incutisse o prazer pela actividade física. Mas, qual não é o meu espanto, quando me deparo com uma turma claramente desmotivada para a Educação Física e para a actividade física em geral. Todos os meus “planos” se tornaram rapidamente em impossibilidades na presença desta turma, “sem” passado desportivo quer na escola, quer fora dela. Esta alteração não me trouxe nenhum constrangimento, apenas veio mostrar-me uma turma real, com problemas reais, na qual eu teria de incutir alguma motivação para a prática, esse passou a ser o meu objectivo primeiro.

Nas primeiras Aulas senti muita insegurança, quer na explicação dos exercícios, quer na forma de me relacionar com os Alunos. No caso da instrução, os conselhos da Professora Cooperante e dos meus colegas Estagiários ajudaram-me a ter maior confiança e maior qualidade. Mas a interacção com a turma é algo que ainda me dificulta muito as Aulas. Apesar das melhorias neste domínio, registo que minha turma é algo abusadora, pelo que nem sempre posso ser “simpático”. Este factor foi agravado por algum facilitismo que concedi inicialmente, furto da minha inexperiência. Após algumas chamadas de atenção, comecei a exigir mais disciplina, tendo as

Aulas, desde então, melhorado muito, quer nos comportamentos, quer no empenho dos Alunos e respeito pelas normas estabelecidas.

O referido comportamento da turma estendia-se às restantes disciplinas, pelo que, no início do segundo período, foi realizada uma reunião com os Encarregados de Educação e com todos os Professores, com o propósito de discutir a melhor forma de contornar esse problema. Nas primeiras semanas após a reunião, os Alunos mantiveram um comportamento muito bom, tentando empenhar-se nas tarefas e estando atentos às minhas indicações. Durante esse Período senti-me muito à vontade, tendo sido as Aulas em que demonstrei melhor desempenho e postura e me deu mais prazer leccionar. Porém, em menos de um mês, os Alunos voltaram a piorar o comportamento, a chegar atrasados, a conversar sempre que eu virava costas e a fugir às tarefas. Isso reflectiu-se na minha prestação, pois era bem mais difícil leccionar as Aulas.

Ao nível do planeamento, também iniciei o ano lectivo com algumas dificuldades em adaptar os objectivos à turma e escolher os exercícios mais apropriados para os alcançar. Com a passagem das Aulas, fui conseguindo ter uma melhor noção, quer dos exercícios mais adequados, quer do tempo que os Alunos necessitavam de os exercitar. Neste momento penso ser capaz de planear uma Aula em metade do tempo do que demorava nas primeiras e de forma mais equilibrada e exequível.

Nesta altura do ano lectivo sinto-me bem enquadrado quer na escola, quer nas tarefas de planeamento, preparação e realização das Aulas. Consolidei conhecimentos que só na prática e no dia-a-dia da escola, são possíveis de adquirir, interligando e contextualizando conhecimentos que me foram transmitidos na Faculdade. No entanto, ainda não me sinto num nível tão elevado como o que pretendo atingir. Por outras palavras, penso ter evoluído ao nível do controlo e relação com a turma, do fornecimento de feedbacks e do planeamento da Aula. Por outro lado, ainda necessito melhorar o controlo à distância, o que só pode acontecer com o desenrolar da prática.

Espero, neste final de Ano, ainda evoluir mais um pouco, ficando apto a aprender sozinho no futuro, como Professor, pois o conhecimento nunca se

esgota, muito menos quando a experiência ainda é escassa. Assim, o final do estágio representará um novo ponto de partida para evoluir constantemente ao longo da minha vida.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1 Macro Contexto

A Educação Física pertence ao restrito grupo de disciplinas que fazem parte do currículo escolar dos Alunos desde o primeiro até ao décimo segundo ano de escolaridade. Por esse motivo, penso ser evidente que a sua preponderância na formação do ser humano é reconhecida pelos Órgãos de Gestão Nacionais.

Ao longo dos 12 anos de escolaridade obrigatória, todas as disciplinas têm como missão fundamental formar os Alunos como membros activos de uma sociedade, transmitindo-lhes para esse efeito os mais diversos conhecimentos, valores e competências.

No caso presente, a Educação Física engloba não só a componente prática, bem como o desenvolvimento multilateral do Aluno. Assim, esta disciplina tem em vista a apropriação das habilidades técnicas e conhecimentos, a elevação das capacidades do aluno, melhoria da aptidão física e formação de atitudes e valores - bens da personalidade que representam o rendimento educativo - proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de actividade física adequada - intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa.

Na sua vertente educativa, nomeadamente, para a plena vivencia de uma cidadania responsável, procura transmitir aos Alunos, valores que combatam o sedentarismo e os excessos alimentares tão comuns na sociedade contemporânea.

No que se refere ao programa de Educação Física, ele revela preocupações ao nível da exploração das capacidades motoras como um meio de promover a saúde e o bem-estar, sendo que a concepção da Educação Física do Ensino Secundário assenta em quatro princípios nucleares (Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Secundário):

- ⇒ A actividade física motivada, quantitativa e qualitativamente adequada para proporcionar aperfeiçoamento pessoal;

- ⇒ A garantia de actividade física correctamente motivada, qualitativamente adequada e em quantidade suficiente, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem, isto é, no treino e descoberta das possibilidades de aperfeiçoamento pessoal e dos companheiros, e numa perspectiva de educação para a saúde;
- ⇒ A promoção da autonomia, pela atribuição, reconhecimento e exigência das responsabilidades que podem ser assumidas pelos alunos, na resolução dos problemas de organização das actividades e de tratamento das matérias;
- ⇒ A valorização da criatividade, pela promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para a elevação da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos da actividade;
- ⇒ A orientação da sociabilidade no sentido de uma cooperação efectiva entre os alunos, associando-a à melhoria da qualidade das prestações, especialmente nas situações de competição entre equipas, e também ao clima relacional favorável ao aperfeiçoamento pessoal e ao prazer proporcionado pelas actividades.

Na minha opinião, a disciplina de Educação Física, entendida no seu espectro de objectivos e interferências, é uma área fundamental para a formação do Homem, tal como indica a máxima filosófica, “mens sana in corpore sano”. Isto leva-me a pensar que não é suficiente ter uma mente brilhante, e possuir conhecimentos inimagináveis, pois não tendo um corpo saudável, isso não representa nada.

Contemporaneamente, verifica-se uma preocupação generalizada com o tema da saúde e bem-estar. A actividade física sendo uma área que auxilia o alcance deste estado, tem vindo a ser alvo de inúmeros estudos para determinar a amplitude dos seus efeitos.

Assim sendo, sou da opinião que a Educação Física deve manter-se como disciplina obrigatória, pois os Alunos aprendem nela as bases e os hábitos, que poderão aprofundar, para optar por um estilo de vida activo e contribuir para a formação de um cidadão completo.

3.2 Contexto Legal:

Com a adopção dos princípios do tratado de Bolonha no espaço do Ensino Superior Nacional, surgiram algumas modificações, de modo a reestruturar os cursos. No caso dos cursos que visam a formação de Professores, a qualificação básica para poder exercer passou a ser um Mestrado, o que levou a uma mudança nalguns parâmetros.

Assim, segundo os decretos-lei nº 74/2006 de 24 de Março e nº 43/2007 de 22 de Fevereiro, a formação deve incluir unidades curriculares acerca de: formação educacional geral, didácticas específicas e prática de ensino supervisionada. Estes mesmos decretos determinam que o estágio decorre na modalidade de Prática Pedagógica Supervisionada (PES). Essa PES processa-se numa das turmas atribuída ao Professor Cooperante da escola onde se realiza o estágio, ao longo de um ano lectivo.

O Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto refere que as áreas de desempenho do professor para um ensino eficaz se organizam da seguinte forma:

- I. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem
- II. Participação na Escola
- III. Relação com a Comunidade
- IV. Desenvolvimento Profissional

Todos estes aspectos seguem os decretos-lei referidos, tendo também em conta o Regulamento Geral dos Segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento Geral dos segundos ciclos da FADEUP e o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física.

O EP é uma unidade curricular do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP e decorre nos terceiro e quarto semestres deste ciclo de estudos.

3.3 Contexto Institucional e Funcional

A FADEUP segue um modelo de formação baseado num estágio, em que cada estudante deve permanecer em Prática Pedagógica Supervisionada durante um ano lectivo, tendo a seu cargo uma turma. Na minha opinião, este modelo favorece uma boa aprendizagem e a consolidação dos conhecimentos, permite adquirir uma ampla experiência docente, fundamental para entrar no mercado de trabalho.

A unidade curricular inicia-se no dia 1 de Setembro, sendo prolongada até ao final das aulas do Ensino Básico ou Secundário, conforme a escola de cada estagiário.

A FADEUP elaborou alguns documentos que estruturam a realização do Estágio Profissional, sendo eles: o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento Geral dos segundos ciclos da FADEUP, o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física e as remanescentes normativas da unidade curricular.

Como termo de comparação com este estágio, posso contrapor o modelo seguido por outros estagiários da Escola, provenientes de outro estabelecimento de Ensino Superior. As suas funções passam apenas pela assistência às Aulas do Professor Cooperante e ministram um número reduzido de aulas. Penso que através do modelo seguido na FADEUP para os estágios ao longo de um ano lectivo, temos a oportunidade de realizar todas as tarefas ligadas à docência e vida de uma escola. Da minha parte, com a prática vivida e reflectida, com os erros cometidos, tive a oportunidade de aprender mais rapidamente e de uma forma mais natural. Assim louvo o modelo aplicado pela FADEUP.

O meu Estágio Profissional decorreu na Escola Secundária D. Maria II, em Braga, fundada a 31 de Março de 1964. Inicialmente, tinha o nome de Liceu Nacional D. Maria II e era frequentado exclusivamente por Alunos do sexo feminino, ficando a ser reconhecido pelo “Liceu Feminino”. Após a revolução de 1974 a escola começa a receber Alunos do sexo masculino, adquirindo o nome que possui hoje em dia.

Funciona em regime triplo, ou seja, Diurno (Aulas de Manhã/Tarde) e Nocturno. Para além dos cursos científico-humanísticos, dispõe de CEF'S e Cursos Profissionais.

A ESDMII é composta por 133 professores, 39 funcionários e 1038 alunos distribuídos por 45 turmas.

No que se refere à disciplina de Educação Física e às condições estruturais e materiais para a sua leccionação, neste momento, devido às obras de recuperação, durante o ano lectivo dispôs de 3 espaços para Aulas práticas (Ginásio Grande, Ginásio Pequeno e Campo Exterior) e um para as teóricas, quando as condições climatéricas não permitiam as práticas. No Ginásio Grande estavam disponíveis os materiais referentes ao ensino do Badminton (raquetes, volantes e redes), Basquetebol (duas tabelas e bolas) e Voleibol (rede e bolas). Nos Campos Exteriores era possível a prática de Andebol (4 balizas e bolas), Futsal (4 balizas e bolas), Basquetebol (4 tabelas e bolas) e Atletismo (barreiras, testemunhos). Na sala de aula existia à disposição um quadro e secretárias para todos os Alunos.

O Grupo de Educação Física é constituído por 10 Professores (4 homens e 6 mulheres) e ainda pelos 3 Estagiários da FADEUP. A Coordenadora do Grupo de Educação Física é a Professora Maria João Lobo.

O Núcleo de Estágio, é constituído pela Professora Cooperante, Luísa Brandão e pelos Estagiários, João Ribeiro, Luís Macedo e Tânia Oliveira.

O Projecto Educativo da Escola, foi-me entregue no início do ano lectivo e forneceu-me vasta informação sobre o estabelecimento e sua filosofia educativa. Nesse documento estão inscritas informações referentes ao tipo de ensino que se pretende, a caracterização do pessoal (docente e não docente), a descrição das instalações e, por fim, a que considero mais relevante, a caracterização dos Alunos.

Convém também referir, nesta caracterização, que o facto da escola se encontrar em obras de remodelação afectou o normal decurso do ensino, na medida em que os espaços destinados às aulas eram pequenos para o número de alunos que constituíam cada turma e não estavam nas melhores condições.

Para além disso, a circulação entre os diferentes espaços esteve, limitada a determinados horários, criando algumas dificuldades de funcionamento em geral, e em particular à disciplina de Educação Física.

Após esta primeira caracterização da escola, convém explicar um pouco a função da Professora Cooperante (PC). A Professora Luísa Brandão tem toda a responsabilidade sobre as turmas, sendo a sua Professora titular. Assim, está presente em todas as Aulas, controlando e orientando toda a actividade que decorre nestas. Neste sentido, a PC inicialmente interviu sempre que necessário nas Aulas, como forma de suprir as minhas dificuldades, tendo ao longo do Ano “sido de cena”, o que me atribuiu maior autonomia e liberdade para ser o professor na íntegra.

Desde o primeiro momento que entrei na escola, tem supervisionado o meu trabalho de perto. Por um lado, tenta sempre levar-me para um patamar mais elevado no que diz respeito ao acto educativo em si, e por outro motiva e relembra a realização dos documentos pedidos pela FADEUP.

O Orientador da Faculdade, Professor Ramiro Rolim, tem uma função mais afastada do dia-a-dia da escola, estando apenas presente em 3 momentos de actuação pedagógica. Por outro lado, é ele o responsável pela orientação do estágio, ou seja, transmite as informações que existem na FADEUP, e supervisiona a execução dos documentos pedidos pelo regulamento, como é o caso deste relatório que estou a realizar.

Estes são dois alicerces que sustentam a minha presença e actuação na escola, sendo deles que obtenho os principais feedbacks relativamente ao meu trabalho.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

O Documento Orientador do Estágio Profissional define 4 áreas fundamentais onde o estagiário deve intervir durante a sua estadia na escola, portanto, é de todo pertinente que esta reflexão se subdivida nas mesmas.

4.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Esta área diz respeito à concepção, planeamento, realização e avaliação do ensino, tendo como objectivo a elaboração de uma estratégia de intervenção, orientada por objectivos pedagógicos, que garanta os valores e saberes tidos como válidos no ensino da EF e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula.

Quando em Setembro, pela primeira vez, entrei na escola onde ia realizar o meu estágio, ainda sem informações por parte da faculdade, iniciei, conjuntamente com a PC, a **concepção** do ano lectivo. A primeira fase obrigou-me a debruçar sobre os documentos entregues por esta para me inteirar sobre aquilo que me cabia realizar.

Em termos de integração no currículo escolar, a Disciplina de EF está inserida no Departamento de Artes, Tecnologias e Desporto, possuindo um Regulamento Interno, comum a todas as disciplinas que a ele pertencem. Assim, a leitura atenta deste regulamento, permitiu-me ter conhecimento das outras Disciplinas do Departamento, bem como uma primeira noção sobre as regras a que estive sujeito neste ano lectivo.

Após o conhecimento das regras do Departamento, reflectimos acerca do Regulamento Específico da EF. A leitura deste documento teve uma importância especial. Por um lado, deu-me a conhecer as regras que devo inculcar e respeitar nas Aulas; por outro, serviu-me de guião na sua apresentação aos Alunos.

Foi-me também apresentado o Projecto Educativo da ESDMII, com todas as informações sobre o estabelecimento de ensino e as suas orientações. Neste documento estão também inscritas informações referentes

ao tipo de ensino que se pretende, bem como uma caracterização do pessoal docente e não docente. É feita uma descrição das instalações e, por fim, a que considero mais relevante, uma caracterização dos Alunos. Posso afirmar que após a sua leitura, fiquei ciente do tipo e das principais características dos Alunos que iria encontrar, com os quais iria trabalhar todo um ano lectivo.

Finalmente, falta referir o documento de apoio do Modelo de Estruturas do Conhecimento (MEC). O planeamento que utilizei foi elaborado segundo Vickers, portanto necessitei de saber como elaborar um MEC. Assim, a PC forneceu alguns tópicos que referiam onde procurar as informações necessárias. Para além de fornecer esse documento, a PC ainda o analisou connosco, esclarecendo todas as dúvidas. Devo dizer que esta análise me facilitou muito a realização dos MECs das diferentes modalidades, sendo que bastava a consulta do documento para, rapidamente, recolher a informação que eu precisava.

Para finalizar, posso afirmar que todo o material fornecido me deu grande apoio e sustentação para realizar o planeamento das UT e das aulas. Adicionalmente, também contribuiu para a minha integração e familiarização com a escola e com o ensino em geral.

Seguidamente, após esta primeira análise, recebi os Programas de EF. Após a sua leitura, em particular no respeitante ao Ensino Secundário, depressa me apercebi da discrepância existente entre os conteúdos programáticos e a realidade encontrada no ambiente escolar.

Assim, penso ser imperativa uma reformulação destes documentos orientadores e do ensino em geral, pois bastantes Alunos atravessam toda a escolaridade obrigatória sem uma apreensão e consolidação duradoura dos conhecimentos sobre a EF, o que torna cada ano lectivo num novo começo.

Ainda no âmbito da concepção deste ano lectivo, importa salientar as caracterizações elaboradas, quer relativas à escola, quer relativas aos Alunos. Relativamente à escola, a sua caracterização foi elaborada conjuntamente pelos 3 estagiários, tendo sido recolhidas todas as informações fundamentais através do questionamento dos assistentes operacionais, técnicos e alguns docentes. Através do documento produzido, consegui uma melhor e maior

integração no ambiente escolar, tendo ganho conhecimentos dos vários responsáveis de cada órgão existente. Tudo isto levou a uma mais fácil contextualização do meu trabalho e mais rápida integração na “família” escolar.

No que diz respeito aos Alunos, a sua caracterização foi elaborada tendo em consideração os dados recolhidos através da aplicação da Ficha Sociobiográfica, construída pela escola, e da Ficha de Identificação do Aluno, criada pelo Núcleo de Estágio de EF.

A Ficha de Caracterização do Aluno foi elaborada pelo Núcleo de Estágio de Educação Física e é constituída por 5 categorias de perguntas: Identificação Pessoal; Relação com a Escola; Relação com a Educação Física e o Professor de Educação Física; Actividade Física fora das aulas de Educação Física; Saúde e Alimentação.

A Ficha Biográfica foi fornecida pela Escola e tem 7 categorias: Identificação do Aluno; Identificação do Agregado Familiar; Dados sociais do Agregado Familiar; Caracterização do percurso escolar do Aluno; Dados gerais; Identificação das actividades extra-escolares; Caracterização do nível de Expectativas do Aluno.

A análise destes dados foi elaborada tendo em vista caracterizar os Alunos face à sua actividade física, aos seus interesses, ao tipo e frequência da prática fora do ambiente escolar, e aos motivos para não praticar qualquer actividade física.

Após esta recollecção e análise, foi elaborado um documento final. Isto permitiu-me ter uma clara noção da turma que teria pela frente durante este ano lectivo, levando isso em conta no planeamento do mesmo. No primeiro conselho de turma, apresentei aos demais colegas professores um breve resumo dos resultados obtidos, e entreguei a todos um resumo dos mesmos, o que me permitiu uma integração no grupo e sustentar o meu lugar enquanto Professor e enquanto colega de trabalho. Por outro lado colaborei e estive mais próxima da Directora de Turma logo desde o início do ano o que me facilitou ainda mais a entrada na escola e na turma em particular.

Como já referi anteriormente, as informações recolhidas ao longo destas tarefas iniciais, permitiram-me realizar um melhor **planeamento**.

Tendo em conta a formação inicial que me foi ministrada pela FADEUP, e como já referido anteriormente, todo o planeamento baseou-se no MEC proposto por Vickers. O primeiro a ser elaborado foi o Planeamento Anual, que foi dividido em 8 módulos, tendo em conta todas as informações disponíveis no momento. Então, os documentos produzidos na concepção, em conjunto com as decisões tomadas no Grupo de Educação Física foram os factores que influenciaram a sua construção. Por outro lado, também foi tido em conta os recursos materiais e humanos da escola, para um Planeamento mais próximo da realidade.

O passo seguinte, caminhando para o mais específico, foi a elaboração das UT. Num primeiro momento foi construída a UT de Avaliações iniciais, primeira a ser levada a cabo. De referir que todas as UT foram elaboradas em função dos recursos materiais, humanos e temporais, bem como do roulement das instalações.

Seguidamente, com os resultados das Avaliações iniciais foi possível construir uma Unidade Temática para cada modalidade, seguindo igualmente o Modelo proposto por Vickers e tendo em conta as capacidades/níveis dos alunos.

No primeiro Período senti alguma dificuldade na elaboração das UT, principalmente manifestada no tempo que demorei a realizar cada uma. Manifestei também alguma inexperiência na extensão e sequenciação dos conteúdos, tendo proposto mais do que aquilo que poderia transmitir aos Alunos. Confundi, como diria o Professor Rolim, quantidade e qualidade.

A constante presença e orientação da Professora Cooperante relativamente a esta tarefa permitiu-me adaptar o planeamento, tendo nos dois Períodos seguintes elaborado as UT com maior autonomia e proficiência.

Devo também referir, porque é um problema incontornável as difíceis condições para leccionar, por a escola estar a sofrer obras profundas. Em função disso, ao longo do Ano, foi essencial recorrer à capacidade de improvisar, o que me fez evoluir muito.

Com a excepção da modalidade de Dança, o nível dos Alunos é globalmente muito fraco. Aqui resultou que as Unidades Temáticas apresentam

pouca matéria. Na maioria das modalidades, apesar de ser uma turma do 10º Ano de escolaridade, tive de leccionar partindo do nível de iniciação, mas, ao mesmo tempo tentando sempre avançar para o nível apontado pelo programa de EF.

No final de leccionar cada UT, realizei sempre uma reflexão, centrada sobre o processo e o produto nomeadamente, os aspectos referentes à sua elaboração, à sua aplicação, às minhas dificuldades e à reacção dos alunos.

Sinto que as minhas capacidades docentes foram evoluindo ao longo do Ano, quer pelos conselhos da PC, quer pelo trabalho conjunto com os meus colegas Estagiários.

À etapa seguinte correspondeu um planeamento ainda mais específico, ou seja, os Planos de Aula, que, neste caso, corporizam todos os exercícios e estratégias que procuram dar resposta aos objectivos propostos.

O plano de aula representa todo o trabalho de preparação e reflexão que, antecipadamente realizei para cada aula. No entanto, encarei este planeamento como a indicação do caminho a seguir, podendo este ser alterado sempre que isso se justificava. Se inicialmente eu tentava segui-lo à risca, como objectivo de provar que o meu planeamento estava correcto, ao longo da minha evolução demonstrei que era capaz de improvisar, identificar e corrigir, adaptando-a à turma e à situação.

No que diz respeito à elaboração dos planos de aula, inicialmente apresentei bastantes insuficiências. Demorava imenso tempo para conseguir planear cada exercício. No entanto, com o desenrolar do primeiro período consegui progredir rapidamente para um estado mais evoluído, conseguindo discriminar e pensar no tipo de exercitação que os alunos necessitavam em cada momento. Um factor fulcral nessa evolução foi conseguir entregar antecipadamente os planos à PC. Após a sua análise, conversava comigo e oferecia-me outras ideias e soluções para eu reflectir. Apesar da minha evolução, o meu ritmo normal de trabalho foi dificultado dadas as inúmeras tarefas a cumprir na escola. Ao mesmo tempo frequentava duas Unidades Curriculares na Faculdade, um outro facto que dificultou uma plena dedicação às tarefas do estágio, como desejava. Ainda relativamente ao planeamento das

aulas, penso que o meu principal erro, na tentativa de diversificar exercícios, era preparar exercícios com estruturas organizacionais muito diferentes, o que aumentava não só tempo de transição, bem como permitia aos Alunos incorrer em comportamentos desviantes. Após as chamadas de atenção da PC tentei ter cuidado com esse facto em particular.

À Semelhança do que acontecia com as UT, também relativamente aos planos de aula realizei reflexões críticas. Nelas exprimia a minha opinião sobre cada aula, propondo alterações e inovações para as seguintes.

Segundo as normas da FADEUP, entende-se por **realização**, a condução da aula com eficácia, actuando de acordo com as tarefas didácticas e tendo em conta as diferentes dimensões da intervenção pedagógica.

Neste âmbito, tenho de referir algumas dificuldades iniciais de relacionamento com a turma. O 10ºI é constituído maioritariamente por raparigas muito faladoras e desmotivadas para a prática da actividade física e, inicialmente, incorri no erro de não me impor de forma muito marcada. Porém, ao longo do tempo, fui ganhando a minha posição, tendo estabelecido e firmado a minha postura de Professor exigente e rigoroso.

Nas primeiras Aulas senti-me muito inseguro e tenho a noção de ter estado muito “apagado”. A minha presença não se fazia notar com veemência, o que, na turma em questão, dificultou a minha actividade docente. Nesta fase inicial foi muito importante a presença constante da Professora Cooperante que, com os seus conselhos e reparos, me fez evoluir de forma mais rápida e no sentido pretendido. Por outro lado, as observações realizadas aos meus colegas estagiários, permitiram-me também ter uma visão externa daquilo que se passa numa Aula, nomeadamente a melhor forma para me posicionar em cada situação, para conseguir mais facilmente controlar a turma.

Num momento inicial, tentei implementar nos alunos algumas rotinas rentabilizadoras da aula. Estas foram comunicadas na aula de apresentação, e reforçadas nas seguintes, para que os alunos as interiorizassem. As rotinas são elemento importantíssimos a ter em conta, e poderão variar de turma para turma. No meu caso, introduzi rotinas para organização inicial da aula, para o

agrupamento de alunos no final de um exercício, para a arrumação do material e para o abandono da sala.

No decurso deste caminho pensei ser de todo pertinente realizar alguma pesquisa acerca do tema Relação Pedagógica professor-aluno, para melhor preparar estratégias e responder aos problemas surgidos na turma.

Assim realizei uma consulta bibliográfica sobre este tema que foi de uma importância fundamental, visto ter-me fornecido elementos importantes no que concerne à Relação a Estabelecer com os Alunos, o que melhorou a minha relação com a turma.

Penso ser importante deixar aqui esta revisão, que me serviu de auxílio e guia na minha relação pedagógica.

4.1.1. Enquadramento do Estudo

A Relação Pedagógica é um dos problemas centrais e fundadores de todo o processo de ensino-aprendizagem. Como tal, torna-se fundamental proceder a uma investigação cuidadosa sobre a sua actividade e as suas interacções, tanto mais que a reflexão sobre esta problemática é frequentemente descurada e relevada para segundo plano.

No início de cada ano lectivo, devido à rotação de turmas pelos docentes, é sempre necessário relembrar ou estabelecer as regras e rotinas de funcionamento, ou seja, cada ano é um novo começo.

Existe uma ampla pesquisa demonstrando que professores eficientes e positivos são fortemente conscientes desde a primeira aula, os primeiros dias, as primeiras semanas, sobre como estabelecer os direitos e os deveres, as responsabilidades, os comportamentos e atitudes na sala de aula por parte dos seus Alunos.

Daí a importância de realizar esta pesquisa, uma vez que, a Relação Pedagógica é diferente da familiar, necessitando por isso mesmo de distância, tem que a actuação pedagógica se assume como um acto profissional (Alonso, 1998 e Bento, 1998), tendo, portanto, diferentes características.

Este trabalho está dividido em 6 partes, sendo elas: Relação, Pedagogia, Relação Pedagógica; Comunicação na Relação Pedagógica; Condições gerais da Relação Pedagógica (Estrela, 1992); Obstáculos à comunicação na Relação Pedagógica; Comunicação e educação na escola; Relação Pedagógica na Aula de Educação Física e Conclusão.

4.1.2. Comunicação e Educação na Escola

Todo o sistema educacional formal age essencialmente com significados (conforme o sistema de sinais), tendo implícito e explícito um propósito formativo e de transmissão cultural. Os tipos de liderança, o clima grupal, a presença de redes, o recurso a técnicas grupais, são componentes imprescindíveis para que a intercomunicação seja cumprida na sua plenitude (Lopes, 2006).

Alves Pinto (1995) incide o olhar para a escola como um determinado conjunto de acções, levadas a cabo por pessoas situadas num sistema de interacção caracterizado por determinados estatutos, papéis e regras de funcionamento (formal e informal).

Segundo Lopes (2006) a escola estabelece um universo de novas experiências, de novos contactos, de novas atitudes. Portanto, factores coadjuvantes como o número de integrantes, a sua motivação, a qualidade permanente dos seus vínculos, o género, a empatia e a inexistência de interferências, influenciam categoricamente a comunicação pedagógica. É também na escola que a criança/adolescente vai ter contacto com outras formas e tipos de comunicação assentes em relações diferentes do seu meio familiar às quais está habituada (Pinho, 1991).

O clima que se faz sentir nas escolas é que vai gerar ou não uma comunicação efectiva e autêntica entre alunos e professores, os actores envolvidos nesta organização.

Os alunos constituem um grupo com grandes especificidades dentro da organização escolar e o seu comportamento, enquanto grupo, “é, simultaneamente, determinado pelas comunicações que se desenvolvem entre

os seus membros e determinante destas mesmas comunicações e da função de cada indivíduo ou elemento do grupo” (Pinho, 1991, p.84).

Algumas formas de comunicar ou categorias comunicacionais “aumentam a frequência dos comportamentos indisciplinados, enquanto outras contribuem para a sua diminuição” (Veiga, 1999).

Quando interagimos socialmente, temos um determinado objectivo e procuramos interpretar a motivação ou os objectivos dos outros. Neste sentido, o professor tem por obrigação deontológica da profissão que exerce, ponderar continuada e persistentemente, na observação dos seus alunos, para verificar se ambos utilizam o mesmo código (Jakobson, 1995, p. 124). Se existe uma concordância entre os intervenientes nesta Relação Pedagógica, a interacção será fácil e colaborativa e pode-se dizer que ambos estão em sintonia, mas se os objectivos são antagónicos, então diremos que existem ruídos e “o resultado da interacção poderá originar o conflito entre as partes (Ferreira, 2001, p. 189).

Um dos processos que o professor poderá utilizar, porventura dos mais utilizados para eliminar esta dificuldade de comunicação, é a repetição da informação, ou seja, a redundância e fazer um resumo das principais ideias a que queremos dar ênfase.

A influenciar profundamente todos estes aspectos, objectivos e motivações, estão as categorias sociais e culturais de onde os alunos são provenientes. Assim, é necessário que o professor: conheça o nível intelectual dos alunos e as informações que os alunos já possuem; a sua proveniência social, evitando conflitos escola-meio; utilize estratégias conducentes ao interesse dos alunos, fazendo uso da motivação contínua; forneça um feedback aos alunos pela avaliação efectuada de cada um no processo de ensino-aprendizagem (Ferreira, 2001, p. 189). No entanto não deve estabelecer uma comunicação indiferenciada, com base nestas características, pois podem correr o risco de não conseguir aprofundar um relacionamento interpessoal, indispensável ao exercício da sua actividade profissional.

Segundo Michel (1991, cit in Lopes, 2006), a empatia que temos pelo outro, os nossos preconceitos e as expectativas poderão transformar uma comunicação eficaz numa comunicação com muitas interferências. As

representações mentais e as atitudes com elas relacionadas, retiram clareza aos objectivos visados, apesar de estes serem claros para o emissor e este partir do pressuposto que foram atingidos.

É necessário não esquecer que o professor enquanto receptor também tem de valorizar, de forma positiva, o emissor (aluno). Esta disponibilidade deve ser acompanhada de sinais não verbais positivos, que levam o receptor a sentir-se à vontade de forma a falar espontaneamente sem constrangimentos, sentindo que, para além de o ouvirem, também o procuram compreender (Veiga, 1999).

O mesmo Autor, no contexto de uma comunicação eficaz, define cinco categorias comunicacionais, podendo a verbalização de cada uma funcionar como obstáculos: categoria avaliativa, categoria de orientação, categoria tranquilizadora, categoria exploratória e categoria empática. Todas as categorias poderão ser utilizadas de forma eficaz, tendo em atenção o contexto existente. Tendo em conta o género de trabalho que estou a realizar, não irei caracterizá-las, pois não se me afigura pertinente.

No entanto, algumas, se utilizadas em demasia, poderão originar mais comportamentos de indisciplina do que outras. Assim, “quando nas interações verbais entre os professores e os alunos, ou entre estes, são utilizadas, preferencial e maioritariamente, as categorias competitivas, cria-se um ambiente conflituoso ou competitivo” (Veiga, 1999). Pelo contrário, “se na comunicação com os alunos, há uma predominância das categorias resolutivas, o ambiente na sala de aula será mais favorável ao ensino e à promoção da realização no trabalho escolar” (Veiga, 1999).

É neste sentido que para um melhor clima organizacional e uma diminuição da indisciplina e do conflito, segundo o mesmo autor, deve-se traduzir na flexibilidade face à diversidade de opiniões; integração dos diferentes pontos de vista; aumento da coesão do grupo-turma; envolvimento dos alunos na determinação dos objectivos; participação dos alunos na resolução dos problemas; centração no conflito real; aumento da profundidade da comunicação; promoção da auto-estima escolar e redução da frequência dos problemas disciplinares.

O professor, para um melhor estabelecimento da Relação Pedagógica, não deverá usar uma linguagem formal, abstracta, sem imagens, mas sim uma linguagem simples, rica em imagens e em comparações. Deve também afastar determinadas terminologias e formalismos e optar pelas melhores formas de transmitir o conteúdo das mensagens, optando por estes procedimentos, nem a linguagem deixa de poder ser aprofundada, nem se torna menos rigorosa.

O método de participação na Relação Pedagógica, toma como princípio a participação de todos os envolvidos para a resolução do conflito (Veiga, 1999).

Rogers (2008) definiu algumas estratégias que os professores podem e deve adoptar na relação com a turma. Serão agora apresentadas as principais:

a) Ignorando Tacticamente: O professor selectivamente auxilia o aluno quando este está a fazer actividades, ignorando tacticamente determinados aspectos do “comportamento secundário”. Essa é uma habilidade dependente do contexto. Nunca devemos ignorar qualquer comportamento repetidamente perturbador, questões de segurança ou comportamentos de assédio.

b) Pausa Táctica: O professor faz uma breve pausa num comando ou dá um lembrete falado a fim de enfatizar a atenção e o foco.

c) Sugestões Não-Verbais: O professor comunica uma sugestão não-verbal que introduz uma mensagem, um lembrete ou um comando (não-verbalizados) que são claros.

d) Lembrete sobre o regulamento: O professor brevemente lembra a turma, ou o indivíduo, de que o regulamento diz. Os lembretes também podem ser expressos numa pergunta.

e) Bloqueio, acordo parcial, retomar o foco: O bloqueio é um enfoque de comunicação em que um professor “bloqueia” o argumento para procrastinação de um aluno.

4.1.3. Relação, Pedagogia, Relação Pedagógica

A Relação Pedagógica será vista na perspectiva escolar, uma vez que a escola, instituição integrada numa sociedade, em constante mutação ao longo

dos anos, à qual chegam e onde se cruzam culturas dissemelhantes e das mais variadas proveniências, na procura de respostas que perfilhem um rumo para a vida e um mais adequado exercício futuro da plena cidadania e para as quais a escola tem um papel fulcral.

Devido à escolaridade obrigatória, a escola surge como um complemento importante na construção e desenvolvimento da personalidade das crianças e adolescentes como um todo, ou seja, como um indivíduo social, económico, cultural, psicológico e educacional.

Mas não se pode, no entanto, esquecer a responsabilidade da família e de outras entidades na responsabilidade insubstituível que devem ter e têm na construção da personalidade destas crianças e adolescentes.

Daí ser necessário ter em consideração os vários contextos da Relação Pedagógica ao nível escolar e social, as suas relações com as normas de conduta instituídas, as relações de conveniência estabelecidas e a estabelecer e o próprio clima organizacional, garantindo a salvaguarda de um bom funcionamento quotidiano da escola.

Para falarmos de Relação Pedagógica é necessário analisar, inicialmente, o significado de relação e de onde provém. Assim, se analisarmos o conceito de “Relação” conclui-se que este implica um vínculo, uma afinidade, uma ligação, entre pelo menos duas pessoas. A palavra Relação provém do latim, *relatiōne* – *relatio-onis*, que significa ligação, conexão. Ao longo dos tempos este conceito tem tomado novas contextualizações e significações, consoante as diversas áreas. A palavra Pedagogia e Pedagogo provêm de Pais, Paidós (criança) e Goglin (acompanhar), pois a criança era acompanhada pelo escravo que a levava ao mestre.

Apenas na segunda metade do século XIX é que a Pedagogia se começou a definir como ciência (Lopes, 2006). No seguimento deste trabalho o que interessa é a Relação Pedagógica na educação com o conhecimento do objectivo do educando, pois a escola deve preparar os alunos para a vivência da cidadania em pleno direito.

Segundo Brito (1991), a escola tem como missão desenvolver global e equilibradamente o aluno, nos vários aspectos, intelectual, socioeducativo, psicomotor e cultural, com vista à sua correcta integração na comunidade.

Canário (1992) cit in Lopes (2006) refere que a intenção formadora do educador face ao educando, manifesta-se no acto educativo, realizando-se assim, na Relação Pedagógica o contacto interpessoal que se gera entre os intervenientes no acto educativo.

Por seu lado, Postic (1990) refere que “No ensino, a Relação Pedagógica estabelece-se por intermédio do trabalho escolar, definido por programas que contêm objectivos explícitos, efectuado no respeito pelas modalidades fixadas pelas instruções ou circulares oficiais, num meio arquitectural específico, segundo o ritual da utilização do tempo.” (p.12).

Assim, a Relação Pedagógica relaciona-se com a estruturação dos aspectos formativos e dos aspectos sociais do desenvolvimento do aluno, na interacção do agente educativo. Deste modo, depois da sociedade escolher o que se deve transmitir e que é socialmente útil para ser transmitido na escola, aos jovens, compete ao professor determinar as condições para esta transmissão e, é neste sentido que a Relação Pedagógica se torna evidente. Como afirma Estrela (2002) “não há Relação Pedagógica que não se inscreva num quadro complexo de relações mediatizadas pelo saber e pelas condições institucionais criadas para essa transmissão/aproximação” (p.32).

Segundo Lopes (2006), o saber transmite-se pelo contacto entre aquele que o detém e que recebeu delegação social para o transmitir (o professor) e aquele que deve adquiri-lo (o aluno). Neste sentido, a Relação Pedagógica começa por se estabelecer através destas ligações diferentes que os intervenientes têm e pelos papéis que se atribuem em função dessas ligações. Estrela (2002), completa esta ideia afirmando que “a Relação Pedagógica é o contacto que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contactos (p.36). Pode-se também dizer que todo o processo educativo decorre através destas relações interpessoais e pedagógicas.

“Sendo o aluno o principal campo de acção pedagógica do professor, a transmissão do saber abarca um processo de interacção aluno/professor” (Fernandes, 1983 cit in Sêco, 1997)

“Tal qual a aprendizagem de conteúdos formais é inesgotável, também a aprendizagem do que é humano é inesgotável, muito mais que qualquer outra, pois ele se nos esquia sempre. Por isso é que muitas vezes temos que deixar de lado todo o tipo de abordagem técnico-científica e, desarmados, estar simplesmente com o outro” (Morais, 1986; cit in Sêco, 1997). Assim, na acção educativa, o papel do professor, em vez de ser de natureza intelectual, passará a ter uma componente afectiva.

4.1.4. Condições gerais da Relação Pedagógica (Estrela, 1992)

Segundo Estrela (1992) existem 4 condições gerais da Relação Pedagógica, as quais serão sucintamente apresentadas de seguida:

I - O Saber:

A Relação Pedagógica pode ser definida como o contacto gerado entre os seus intervenientes. No sentido lato, todos os intervenientes, directos e indirectos do processo pedagógico são atingidos. Se optarmos pelo sentido mais restrito, são englobadas as relações professor-aluno e aluno-aluno, dentro de situações pedagógicas.

Saber e poder estão intimamente relacionados, pelo que a Relação Pedagógica se estabelece através da ligação que cada interveniente tem com o saber. Determinado nível de saber, fornece aos indivíduos um certo papel, formando-se assim uma relação de Saber-Poder.

Então, a Relação Pedagógica, é a que ocorre entre o agente que possui o saber, e a delegação social para a sua transmissão, e aquele que o deve adquirir. Assim, “não há Relação Pedagógica que não seja mediatizada pelo saber e regulada pelo poder que esse saber origina”.

A Relação Pedagógica, poderá ser então considerada como a “charneira dos planos, pedagógico, político, social e psicológico”.

Durante muitos anos o professor foi o único depositário de todo o saber transmitido na escola, assim, a sua autoridade fundamentava-se nesse saber, o que lhe conferia um carisma especial. G. Ferry (1972, cit in Estrela, 1998), refere que esse carisma se baseava na transcendência sacerdotal, conferida pelo carácter sagrado da missão do professor e pelo seu carácter de mediador, na transcendência da pessoa moral, na transcendência do dom pedagógico assente numa vocação baseada no amor, na transcendência do percurso cultural, sendo o professor, um modelo que os discípulos recebiam por impregnação (p. 33 e 34).

Porém, com a passagem dos tempos, e com todas as evoluções que existiram, o papel do professor, passa de simples transmissor de saber, para se tornar num organizador de aprendizagem, estimulador do desenvolvimento cognitivo e sócio afectivo dos alunos (p.35).

II – O Espaço e o Tempo:

A segunda condição apresentada por Estrela (1998) refere-se a dois grandes factores, o espaço e o tempo, ambos intervenientes na Relação Pedagógica.

O espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural, que suporta e organiza a Relação Pedagógica. As dimensões, configuração, densidade de ocupação, possibilidades de utilização e condições de apropriação, do espaço, facilitam ou inibem a relação do professor e dos alunos e destes entre si, marcando-lhes limites, assinalando papéis e consagrando estatutos, veiculando também normas e valores (p. 37 e 38).

No respeitante ao factor tempo, é possível referir que a Relação Pedagógica se encontra circunscrita pelo tempo. Portanto, os horizontes temporais institucionalmente definidos são também grandes influenciadores desta relação.

III – As Actividades:

As actividades e os recursos que as tornam possíveis, são outras condições gerais da Relação Pedagógica, uma vez que delas depende a dinâmica relacional criada pelo professor com a turma.

A frequência e o tipo de contactos estabelecidos entre o professor-alunos, e entre aluno-aluno variam em função do tipo de actividade, na medida em que estas requerem sistemas de comunicação mais ou menos formais, diferentes partilhas de responsabilidades entre o professor e os alunos, e diferentes formas de exercício de autoridade, de disciplina e de controlo.

A Relação Pedagógica terá, então, características em função de todos os condicionantes referidos anteriormente. São elas:

- ⇒ Relação íntima entre saber e poder, o saber fundamentado e legitimando a delegação social recebida pelo professor;
- ⇒ Assimetria, decorrente da superioridade do estudo daquele que detém o saber e está encarregado da sua transmissão, em relação àquele que é suposto não o deter e dele se deve apropriar;
- ⇒ Carácter interessado da relação e da comunicação pedagógica, proveniente da intencionalidade do acto pedagógico e do seu intento de influenciar e transformar o outro;
- ⇒ Artificialismo das situações criadas expressamente para maximizar a comunicação/recepção do saber;
- ⇒ Limitação imposta e não natural dos tempos e dos espaços em que ocorre a acção.

4.1.5. Comunicação na Relação Pedagógica

A comunicação é a necessidade mais elementar e vital à existência das relações na vida social humana, quer quando considerada isoladamente, quer quando inserida nas diferentes organizações, nomeadamente no contexto escolar, e, como tal, no estabelecimento da Relação Pedagógica. Parece inevitável para as relações na socialização e para a Relação Pedagógica na educação, porque a educação é o “meio mais fundamental da socialização e, portanto da comunicação” (Anderson, 1982).

O processo educativo assenta numa Relação Pedagógica, que encerra em si, um carácter interactivo e comunicativo. Toda e qualquer acção realizada pela escola requer uma relação que, por sua vez, só é possível através da

comunicação, seja de forma directa entre os indivíduos, ou de forma indirecta através de materiais escolares.

Segundo Michel (1991; cit in Lopes, 2006), a comunicação na escola é o motor que movimenta todas as relações estabelecidas entre os seus actores, de modo a que contactem e convivam entre si. Se toda a comunicação funcionar de forma correcta, também funciona a Relação Pedagógica estabelecida inicialmente, estando alcançados os requisitos para a existência de uma comunicação autêntica, ou seja, uma boa comunicação.

Por outras palavras, a comunicação é um processo psicossocial, através do qual se realiza a transmissão interpessoal de ideias, sentimentos e atitudes. Estas asseguram e fornecem a expressão pessoal e grupal e a dinâmica social. Neste sentido, Ferreira (2001) refere que a Relação Pedagógica assenta na comunicação e para esta ser eficaz na organização escolar, requer não apenas competências comunicacionais tradicionais, como também o conhecimento estratégico que permite interpretar correctamente essa informação e criar significados partilhados. Este argumento consubstancia-se no facto da comunicação ser situacional dentro de um contexto, do qual não pode ser separada. Então, para que a comunicação seja eficaz na Relação Pedagógica é necessário que no acto comunicativo, o emissor e receptor partilhem do mesmo código, para compreenderem e descodificarem a mensagem.

O professor dispõe de factores que, quando vai comunicar com os alunos, muitas vezes tem consciência do estado de espírito da turma ou de um determinado aluno. Perante cada situação, o professor experiente actua de várias formas, que a sua astúcia e experiência profissional lhe ditam. Essa forma de actuar traduz-se, muitas vezes, na mudança de atitude, de postura, de nível e tom da voz, da clareza, de mudança de actividade ou de matéria, na pausa que faz para falar de outros motivos alheios à matéria mas fundamentais para alterar o estado de espírito que se tem verificado até então e poder mesmo alterar as atitudes e comportamentos dos alunos. Assim, a forma como é apresentada a mensagem, pode influenciar positiva e negativamente o êxito da relação.

Os educadores são os autênticos profissionais nas Relações Pedagógicas da comunicação e da educação, sendo estes os pilares e os alicerces de todo o constructo comunicacional da criança e adolescente em toda a sua existência e relações que irá estabelecer no seu processo de formação em constante aperfeiçoamento.

Por fim, a afectividade pode ser inserida neste contexto da relação professor-aluno, porém com as devidas precauções. A afectividade ocupa assim um lugar central na problemática da educação na adolescência, embora como meio e não como fim. Assim, ela é uma condição necessária e imprescindível, mas não suficiente, para que o docente seja apreciado pelos alunos como bom professor (Sêco, 1997).

4.1.6. Obstáculos à comunicação na Relação Pedagógica

São muitos os obstáculos à comunicação na Relação Pedagógica. Um dos maiores entraves à comunicação é a forma como a mensagem chega ao receptor e como este a recebe e interpreta.

Muitas vezes, a mensagem é adulterada, descodificada e codificada com novos significados ou conotações, devido a problemas comunicacionais entre o receptor e o destinatário, provocando a sua distorção total ou parcial.

O excesso de informação a ser transmitida também pode diminuir a capacidade de interpretação e retenção, pelo que se torna ineficaz, o que origina distorção da informação (Hampton, 1992). Por sua vez, Fachada (1998), divide os obstáculos em barreiras externas e internas, em que as primeiras englobam tudo o que dificulta a audição e visão, interpondo-se negativamente com o bem-estar e compreensão dos interlocutores. As segundas incluem o uso de palavras ambíguas, linguagem incompreensível ao interlocutor, cansaço, doença, juízos de valor e problemas pessoais.

Para o estabelecimento de uma boa Relação Pedagógica é necessário ter em conta as expectativas que temos acerca da conduta relacional daquele a quem a mensagem é dirigida, com todas as emoções e sentimentos, procedendo-se à descodificação de acordo com os significados de cada

interlocutor. Pois, como afirma Ferreira (2001), apenas as mensagens são transmitidas e não os significados, sendo necessário interpretá-las, mas tendo em atenção todas as variáveis pessoais de quem recebe a mensagem, assim como a conformidade entre a mensagem verbal e não verbal, que é transmitida na própria relação.

4.1.7. Relação Pedagógica na Aula de Educação Física

Segundo Shigunov (1993), a matéria de ensino por si só, não representa um factor de gosto ou satisfação por parte dos alunos. O gosto e satisfação numa aula de Educação Física vão para além disto, sendo então uma conjugação de factores de intervenção pedagógica dos professores e as características dos alunos. Assim, numa aula em que o sucesso e o fracasso ocorrem várias vezes, os alunos atribuem grande valor a recompensas, elogios e feedbacks positivos.

As percepções sobre as experiências que os Alunos têm no desporto em geral, vão ter uma grande influência nas suas atitudes em relação à disciplina. Como afirma Coelho (2000), as percepções dos Alunos sobre a Educação Física, não passam, geralmente, de pensamentos, crenças e sentimentos sobre pessoas, situações e acontecimentos. Assim sendo, o professor de Educação Física deverá ter comportamentos cuidados, adequando a sua relação ao tipo de alunos, fornecendo-lhes boas experiências nesta disciplina. Isso poderá levar a uma maior predisposição dos alunos, para a participação nas aulas.

Os estudos de Coelho (2000) permitiram concluir que os alunos têm percepções positivas acerca de:

⇒ O professor e o seu comportamento:

Encorajamento: um professor que encoraje os alunos e lhes proponha objectivos realistas contribui para uma experiência positiva.

Instrução adicional: Fornecimento de apoio individualizado e acrescido aos alunos com mais dificuldades.

Demonstração: A aquisição das técnicas e habilidades é facilitada pela exemplificação.

⇒ Actividades desenvolvidas:

Relevância: Importância que os alunos atribuem às tarefas propostas pelo professor, para a sua aprendizagem.

Desenvolvimento do coragem e ultrapassar receios: O professor apresenta estratégias que permitem ultrapassar receios iniciais, permitindo deste modo que os alunos desenvolvam as habilidades que necessitam para resolver novas situações.

Desafio: Quando os alunos realizam as tarefas, sentem-se confiantes por terem atingido um nível de execução que não possuíam.

Os mesmos estudos concluíram que os alunos têm perspectivas negativas sobre a disciplina nos seguintes aspectos:

⇒ O professor e o seu comportamento:

Embaraço público: Envergonhar os alunos perante toda a turma.

Relações adversas: Os alunos não sentem à vontade para conversar com o professor, para questioná-lo.

⇒ Actividades desenvolvidas:

Conteúdo irrelevante: Os alunos não percebem a realização de certas actividades, porque o professor não comunica os objectivos e metas de aprendizagem.

Lesão: Alunos receiam que a sua participação nas aulas pode provocar lesões.

Assim, pode aferir-se da importância da Relação Pedagógica, numa Sala de Aula diferente da que está encerrada em 4 paredes. O tipo de relação que cada professor estabelece com os alunos, revela-se no seu empenho e motivação para a prática.

4.1.8. Conclusões e Estratégias implementadas

Após a análise da literatura, foi possível verificar que as características pessoais do professor e a habilidade para interagir com os alunos, são fundamentais para conseguir o sucesso do processo de ensino aprendizagem.

Algumas das características mais apreciadas pelos alunos no professor, são o encorajamento, a paciência, a preocupação e a atenção individualizada. Professores que conciliem estas características conseguem exercer influência positiva sobre os alunos. O facto de os chamar pelo seu nome, é também um factor que proporciona um bom ambiente entre os intervenientes.

Apesar da proximidade, o professor deverá ter o respeito dos alunos, fazendo cumprir um sistema de regras e rotinas que serão facilitadoras da organização das aulas.

Pude verificar que o professor deverá ter atitudes de respeito e consideração pelos alunos, dando a estes oportunidades para exprimir as suas opiniões e sentimentos, demonstrando preocupação com eles.

Segundo esta revisão, o professor deverá ter uma boa relação com os alunos, sem no entanto, esquecer a sua função, que será a de pedagogo. Portanto deverá ganhar o respeito dos alunos, pela sua competência e relação com eles, sem quebrar a barreira, pois a relação de professor-aluno, deverá ser diferente da aluno-aluno.

Quando cheguei a estas conclusões tentei impor-me um pouco mais, com o objectivo de controlar a turma, e apliquei algumas estratégias. Inicialmente os alunos estranharam e referiram algum desagrado, porém, esta foi a minha primeira fase.

“Após uma curta pausa para o segundo grupo descansar, reuni a turma no centro do pavilhão, com os Alunos sentados no chão para ter maior controlo sobre a turma.” (Reflexão Aula 7)

“Na transição desse primeiro momento para os exercícios com bola, primeiro dividi os grupos numa lateral do campo e só depois indiquei que 2 deles se deviam deslocar para a outra lateral. Mais uma vez, esta organização poupou algum tempo e a transição foi rápida.” (Reflexão Aula 13)

Após o controlo da turma estar assegurado, cautelosamente fui voltando a relacionar-me de forma mais positiva com os alunos. No entanto, não mais permiti que esta relação próxima perturbasse o normal decorrer da aula.

Estando esta primeira etapa do relacionamento com os alunos finalmente assegurada, penso que rapidamente me concentrei no passo seguinte, o domínio do conteúdo e a clareza da instrução.

“Penso que o meu desempenho nesta primeira Aula de Badminton foi razoável, mas preciso de melhorar na transmissão de informação, porque estou a demorar muito tempo, ou seja, estou a dar demasiada informação em vez de me cingir a palavras-chave.” (Reflexão Aula 15)

“Realizaram a Aula 26 Alunos, a Ana Marta, Ana Ferrete, Andreia Vieira, Andreia Gomes, Carla Silva, Joana Maia e Sara Ribeiro foram para a Biblioteca com a tarefa de realizar as Fichas teóricas de Dança e Resistência Aeróbia.” (Reflexão Aula 30)

A minha instrução sofreu inúmeras melhorias desde que comecei a pensar melhor acerca dela, procedendo ao planeamento prévio. Assim, para além das explicações, preparei as exemplificações a executar em cada aula.

No caminho da minha evolução enquanto professor, e como é possível verificar pelas minhas reflexões, tentei evoluir ao nível do Feedback.

“No que diz respeito à minha performance, penso ter demonstrado alguma evolução no controlo à distância e no respeito pelo ciclo de feedback.” (Reflexão Aula 57)

Este último parâmetro da minha evolução foi evoluindo progressivamente. Numa fase inicial senti algumas dificuldades na detecção do erro e na escolha do feedback. Com o avançar das aulas, e reflectindo constantemente sobre a minha actuação, consegui adequar os feedbacks às necessidades dos alunos, mas ainda não tinha atingido o nível ideal. Como se pode verificar na reflexão acima transcrita, o último progresso que registei, relativamente a este aspecto foi o respeito pelo ciclo de feedback.

No que respeita aos meus alunos, desde cedo, me pareceu que os meus alunos não gostavam de realizar esforços físicos, o que pude comprovar pela sua fraca assiduidade e pouco empenho nas actividades propostas. Na tentativa de melhor entender a falta de motivação que os meus alunos

demonstravam para as aulas de EF, realizei um estudo sobre a sua **motivação intrínseca**.

4.1.8. Enquadramento do estudo

A importância atribuída à Educação Física Escolar pelos alunos, tem vindo a ser cada vez menor (Garcia e Queirós, 2001), podendo este facto ser confirmado pelo crescente número de alunos que não participam nesta com regularidade, nem tão pouco praticam outra actividade física.

Como já referi, após o início das aulas pude verificar que a turma I, demonstrava este tipo de comportamentos e opiniões em relação à disciplina, sendo a sua relutância em participar nas aulas muito demarcada. Assim, pensei ser preponderante realizar uma investigação sobre a motivação dos alunos, para a disciplina de EF, tentando verificar se existe algum problema em relação ao nível de motivação intrínseca deles.

A motivação vem sendo das áreas mais investigadas pela Psicologia do Desporto contemporânea, tornou-se claro o seu papel preponderante na vida do indivíduo (Roberts, 1992) e, desde sempre ocupou um lugar central na psicologia (Biddle, 1997). A sua importância pode ser aferida pela afirmação de Weinberg & Gould (1995) que referem ser essencial para o sucesso de professores e treinadores no desporto.

Apesar das inúmeras investigações, o conceito de motivação não se encontra perfeitamente definido e delimitado (Alderman, 1983). Portanto, conjugando a as características da turma, com a importância e actualidade do tema, parece-me de todo pertinente o estudo que irei apresentar.

No que se refere à sua estrutura, este estudo, em particular, estará organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, alguma informação teórica sobre a motivação, de seguida, exposição e descrição da metodologia utilizada; no ponto seguinte estão inscritos a apresentação e discussão dos dados; por fim, identifico as principais conclusões a que cheguei.

4.1.9. Revisão da Literatura

As percepções que os alunos têm acerca do seu desempenho e o feedback em relação a este, fornecido pelos professores, no contexto de realização de actividade física, enquanto reacções e experiências emocionais, implicam um conjunto de variáveis interligadas e são encarados como um processo emocional e relacional mediado cognitivamente (Cruz, 1996; Cruz & Barbosa, 1998).

As emoções experienciadas pelos alunos, em situações de realização e avaliação, não são explicadas em função de uma só variável, mas através da combinação de variáveis de personalidade e ambientais, que estabelecem o significado pessoal e relacional dessas mesmas situações (Lazarus, 2000). Neste sentido, as emoções só são compreendidas do ponto de vista do aluno e do ambiente, e nunca de forma separada e independente (Cruz & Barbosa, 1998).

O significado pessoal e relacional atribuído às diversas situações, determina as reacções emocionais dos alunos e depende dos processos de avaliação cognitiva que estes possuem para compreenderem a situação.

Assim, penso poder afirmar que as questões de nível psicológico são relevantes, e devem ser tidas em conta, nas aulas de EF.

Motivação

Muita confusão surge quando se tenta definir o termo Motivação. Durante a minha pesquisa bibliográfica, pude verificar esse facto por mim mesmo, pois encontrei várias definições para o mesmo conceito, sendo que algumas entram em desacordo. Muitos autores já referiram este facto, como por exemplo Alves (2003), que afirma que a literatura específica vem definindo este conceito de forma muito variada.

Posto isto, tentarei de uma forma muito sucinta apresentar a perspectiva de alguns autores acerca deste tema.

De uma forma sintética é possível dizer que a motivação se refere a um estado do organismo, resultante da interacção de factores internos e externos, e que é determinante num comportamento (Fonseca, 1993).

Segundo Silva e Weinberg (1984), esta tem uma importância fundamental na actividade física pois afecta a selecção, a intensidade e a persistência do comportamento de um indivíduo.

Fonseca (1993) afirma que o estudo da motivação investiga as variáveis que determinam a intensidade e direcção dos comportamentos dos indivíduos

Como afirma Duda (1993), é possível tentar perceber os mecanismos psicológicos que estão na base de diferentes níveis de desempenho.

Woolfolk (2000) diz que a motivação é um termo psicológico que se define por uma circunstância interna que vai estimular, dirigir e manter o comportamento.

Procurando já conduzir o estudo para a investigação em causa, e baseando-me na opinião de Oliveira (2007), afirmo que a motivação se divide em duas grandes classes, intrínseca e extrínseca.

No amplo campo que é o estudo da motivação em contexto desportivo ou de actividade física, a abordagem dos comportamentos intrinsecamente motivados tem certamente que ocupar um lugar de relevo.

Motivação Intrínseca

Deci (1977) define motivação intrínseca como algo que se refere ao "comportamento que ocorre na ausência de nenhuma recompensa externa aparente" (p.389). Então, a recompensa, como refere, deverá ser inerente à tarefa, interior ao indivíduo, intencional e independente de reforços externos.

Na perspectiva de outros autores a motivação intrínseca é a fonte de energia para a aprendizagem (Ames & Ames, 1985), não se extingue nem diminui na ausência de reforço (Lepper & Green, 1978) e impele o comportamento organizando recursos internos e externos, na prossecução de fins e objectivos (Lemos, 1998).

Resumindo estas perspectivas, um sujeito motivado será alguém com óptimo desempenho, que retém aprendizagens activas, significativas e duradouras.

Tendo em conta a importância atribuída à motivação intrínseca, interessa conseguir ter acesso aos seus níveis, numa tentativa de melhor controlar esse factor. Mas, a par de alguns outros constructos psicológicos, não pode ser directamente observada (Landers, 1986). Devido a este facto, foi desenvolvido o teste "Intrinsic Motivation Inventory" (McAuley, Duncan e Tammen, 1989). Esta escala utiliza quatro dimensões subjacentes (Gosto/Interesse; Competência percebida; Esforço/ importância; Pressão/Tensão) para tentar determinar o nível de motivação intrínseca dos indivíduos.

A dimensão Gosto/Interesse pretende reflectir o gosto com que cada indivíduo executou a actividade; a dimensão Competência espelha a percepção dessa mesma competência durante a execução; a dimensão Esforço/Importância reflecte o esforço empregue na execução e por fim a dimensão Pressão/Tensão, mostra o "desconforto" durante a realização da tarefa.

Cada uma das quatro diferentes sub-escalas, pretende "representar" uma parte do comportamento intrinsecamente motivado. A sub-escala Pressão/Tensão deve ser interpretada inversamente. Isto é explicado pelo seguinte; as sub-escalas Gosto/Interesse, Competência percebida, Esforço/Importância contribuem de uma forma positiva para o nível de motivação intrínseca, ao passo que a sub-escala Pressão/Tensão o faz de forma negativa.

O teste será melhor descrito mais adiante, já que foi ele o escolhido para a avaliação da turma.

Motivação das alunas na EF

Existe uma tendência para que as meninas sejam menos motivadas para a prática desportiva que os rapazes (Santos, 2003).

Rangel-Betti (1995) refere que a desmotivação em relação à actividade física deriva do relacionamento com os seus colegas, pelo desinteresse em relação ao conteúdo e pelas abordagens do professor ao longo das aulas.

Assim, Paiano (1998) aponta um exemplo de escola, que proporciona aos alunos a prática de inúmeras modalidades, podendo eles mesmos optar pelas suas preferidas. Isto pode originar um aumento dos níveis de interesse na participação da aula.

Pelo facto da minha turma ser maioritariamente constituída por elementos do sexo feminino, penso ser importante referir algumas informações recolhidas de um artigo da revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2006, 5(2):13-19. Neste estudo, com uma amostra de 15 alunas que alegavam não gostar das Aulas de Educação física, foram retiradas as seguintes conclusões: o motivo indicado para não gostarem das aulas foi o facto de não gostarem das actividades propostas. As actividades eram principalmente jogos desportivos colectivos, e eram apenas abordados sob a forma de jogo. “Nove meninas responderam que só participam das aulas por ser obrigatório... Enquanto as outras 6 justificaram que não participam porque não sabem jogar e por este facto se sentem inibidas em participar das aulas e passam a vê-las como obrigação” (p.5). Por fim, é referido neste texto, que se as alunas tivessem a oportunidade de escolher os conteúdos abordados, as aulas seriam mais agradáveis e interessantes. Apesar das referências ao professor e aos conteúdos, nove destas alunas não praticam modalidades extra escolares, porque não gostam de as executar, o que remonta então à sua falta de motivação intrínseca, o que o professor não pode alterar.

4.1.10. Objectivos

Objectivo Principal:

O objectivo principal deste estudo é verificar o nível de motivação intrínseca dos Alunos do 10ºI para a prática da Educação Física.

Objectivos Secundários:

- Verificar quais os sentimentos mais frequentes apresentados pelos alunos, durante as aulas de Educação Física;
- Verificar se existe relação entre os diferentes sentimentos, quer positivos quer negativos.

4.1.11. Material e Métodos

Amostra: A amostra deste estudo é constituída por 22 elementos do sexo feminino e 4 do sexo masculino, da turma I, do 10^o Ano de escolaridade, composta maioritariamente por elementos do sexo feminino. A média de idades é de 15,54 anos, com um desvio padrão de $\pm 0,86$.

Instrumento: Como já foi referido na revisão bibliográfica, o teste utilizado foi o Intrinsic Motivation Inventory (IMI, Ryan, 1982; McAuley, Duncan e Tammen, 1989), numa versão específica para Educação Física, traduzida e validada para língua portuguesa por Fonseca e Paula Brito (2001).

O teste é constituído por 18 questões, as quais pretendem conhecer o nível de motivação intrínseca, através de quatro dimensões que lhe estão subjacentes. As categorias são as seguintes: 1) Gosto/Interesse {por exemplo, "Gosto bastante de Educação Física"}; 2) Competência (por exemplo, "Penso que sou bastante bom na Educação Física"); 3) Esforço/Importância (por exemplo, "Dispendo muito esforço na Educação Física"); 4) Pressão/Tensão (por exemplo, "Sinto-me tenso quando faço Educação Física").

As sub-escalas Gosto/Interesse e Competência têm 5 itens cada uma, e as de Esforço/Importância e Pressão/Tensão apenas têm 4.

As questões colocadas são respondidas pelos alunos numa escala de Likert, que indicam o grau de concordância dos alunos sendo que: 1 = discordo totalmente até 5 = concordo totalmente.

É importante realçar que, para a sub-escala Pressão/Tensão, a cotação é inversa das restantes sub-escalas. Isto significa que numa das outras 3 sub-escalas um valor alto corresponde a elevados níveis de motivação. Já na escala referida, o valor teve de ser invertido, para que a concordância com

afirmações sobre Pressão/Tensão não corresponde a mais altos níveis de motivação intrínseca.

Procedimento Metodológico: O teste foi aplicado no início de uma aula de Educação Física, numa sala de aula, no mês de Janeiro, a todos os alunos presentes. Faltaram à aula 4 alunos da turma, que por isso não fizeram parte da amostra.

Procedimentos Estatísticos: Para o tratamento dos dados utilizou-se o programa SPSS 17.0 for Windows.

Para a descrição dos dados foi utilizada estatística descritiva, para recolher as médias e desvios padrão de cada sub-escala. Foi ainda aplicado o teste de correlação de Spearman, para calcular a correlação entre as diferentes sub-escalas.

4.1.12. Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos após tratamento estatístico dos dados recolhidos.

Figura 1 – Dados da Estatística Descritiva

Sub-Escalas	Média	Desvio Padrão
Prazer/Interesse	2,42	1,172
Esforço/Importância	2,95	1,109
Competência	2,55	1,012
Pressão/Tensão	3,59	1,158

Como é possível verificar no quadro 1, as componentes Prazer/Interesse, Esforço/Importância e Competência obtiveram uma média inferior a 3, o que significa pouca concordância com as afirmações. Parece poder dizer-se que a sua motivação intrínseca será baixa, pois apresentam poucos sentimentos positivos na sua prática.

No que se refere à sub-escala Pressão/Tensão, o valor 3,59 sugere que os alunos experimentam muitos sentimentos desagradáveis durante a actividade física, traduzindo-se isto numa baixa motivação intrínseca.

Figura 2 – Resultados da Estatística Correlacional

Sub-Escalas	Prazer/Interesse	Esforço/Importância	Competência	Pressão/Tensão
Prazer/Interesse		.51**	.33**	.04
Esforço/Importância			.40**	-.18*
Competência				-.13
Pressão/Tensão				

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

No quadro 2 pode verificar-se que existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a sub-escala Prazer/Interesse e Esforço/Importância ($r_{sp} = .51, p < 0,01$). Assim, um maior valor de Prazer/Interesse está associado a um maior valor de Esforço/Importância.

Também existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a sub-escala Prazer/Interesse e Competência ($r_{sp} = .33, p < 0,01$). Então, maior Prazer/Interesse está associado a um maior valor de Competência.

A sub-escala Prazer/Interesse não está relacionada com a Pressão/Tensão ($r_{sp} = .04, n.s.$), assim como também não está relacionada com o sentimento de Competência ($r_{sp} = -.13, n.s.$).

Existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a sub-escala de Esforço/Importância e Competência ($r_{sp} = .40, p < 0,01$). Portanto, a um maior valor de Esforço/Importância está associado um maior valor de Competência.

Por fim, existe uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a sub-escala Competência e a Pressão/Tensão ($r_{sp} = -.18, p < 0,05$). Isto significa que um maior valor de Competência está associado a menor Pressão/Tensão.

Os dados dos meus alunos vão contra o estudo de Alves (2003), segundo o qual os alunos sentem pouca Pressão/Tensão. Refiro também a diferença os valores identificados são menores que em estudos anteriores (Fonseca, Maia e Mota 1999).

4.1.13. Conclusão/Estratégias Implementadas

Após esta investigação, posso afirmar ter ficado a conhecer, com um pouco mais de profundidade, os meus alunos. Assim, este projecto de investigação-acção permitiu-me confirmar as minhas expectativas sobre eles, e conseguir efectuar um melhor planeamento do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo os resultados recolhidos posso concluir que a turma é realmente pouco motivada intrinsecamente para a realização das aulas de Educação Física.

Os alunos do 10ºI tendem, durante as aulas de Educação Física, a ter sentimentos de pressão e tensão em maior escala. Esse facto, influencia a sua motivação intrínseca, no caso, a sua falta, sendo este um factor importante para mim enquanto professor.

Verifiquei também que os Sentimentos favoráveis estão positivamente relacionados entre si, e negativamente relacionados com a Pressão/Tensão.

Após recolher estas informações e de conhecer a realidade da turma, procurei encontrar estratégias de motivação, para conseguir rentabilizar a aula e transmitir maior número de conhecimentos, com melhor qualidade, isto porque alunos motivados conseguem aprender mais e melhor.

Uma das estratégias implementadas foi a competição. Inicialmente tive algum receio que esta pudesse agravar os sentimentos de Pressão/Tensão. Porém, esta foi uma aposta ganha, isto porque percebi que era um factor motivante para a turma. Assim, o número de exercícios com recurso à competição foi aumentando progressivamente, essencialmente sobe a forma de torneios.

*“Esta foi a primeira Aula de torneio que realizei na turma, e provou ter bastante sucesso. Os Alunos, após alguma desordem inicial, depressa entraram no ritmo e estiveram bastante empenhados. Penso que foi uma das Aulas em que os Alunos estiveram mais activos e animados. **Este modelo competitivo revela ser bastante motivador**, porque mesmo Alunos pouco motivados não gostam de perder.” (Reflexão Aula 20)*

Por outro lado, a minha abordagem aos alunos foi sempre muito cuidada, pois tentei inculcar-lhes a noção de vida activa e o gosto pela prática. Esta união de informações acerca do desporto como elemento lúdico e promotor de saúde, veio na tentativa de elucidar os alunos para os benefícios do desporto, quer ao nível físico quer psico-social.

Ainda implementei algumas estratégias no sentido de atribuir tarefas aos alunos dispensados. Desta forma consegui que todos os alunos participassem nas aulas, quer de forma prática, quer teórica. Ao fim de algum tempo os alunos perceberam que seria mais agradável realizar a aula prática, reduzindo-se assim o número de faltas.

*“Realizaram a Aula 26 Alunos, a Ana Marta, Ana Ferrete, Andreia Vieira, Andreia Gomes, Carla Silva, Joana Maia e Sara Ribeiro foram para a Biblioteca com a tarefa de **realizar as Fichas teóricas de Dança e Resistência Aeróbia**.” (Reflexão Aula 28)*

O meu objectivo com a realização deste trabalho foi atingido, pois agora tenho informações reais sobre a motivação dos alunos, não me baseando apenas no “olhómetro” que tanto se utiliza na Educação Física, em particular, e na sociedade em geral.

Este trabalho, e as informações que ele me forneceu permitiram-me uma prática pedagógica mais enriquecida, e fomentaram a formação de um professor reflexivo na minha actividade.

O assunto final desta área, que se apresenta já algo longa, trata um tema deveras complexo, que é a **avaliação**. Este momento, para mim enquanto estudante estagiário, revelou-se de elevada dificuldade, principalmente causada pela minha inexperiência a este nível.

O processo de avaliação pode ter inúmeros objectivos, entre os quais, diagnosticar carências, predizer níveis de desempenho, determinar níveis de aquisição, motivar os alunos, classificá-los, avaliar o ensino e fazer um balanço dos objectivos.

Para executar este processo na turma, realizei uma Avaliação Contínua, composta por 3 momentos distintos: Avaliação Inicial, Avaliação Formativa e Avaliação Final.

A Avaliação Inicial foi realizada no início do ano lectivo, a todas as modalidades, seguindo um protocolo desenhado pelo Núcleo de Estágio. A decisão de realizar todas as Avaliações Iniciais nesta altura do ano lectivo prende-se com o imperativo de planear os conteúdos para os três períodos.

Um outro facto que merece consideração é a presença dos três Estagiários e da Professora Cooperante nestas avaliações. Esta opção emprega dois objectivos: por um lado, a rentabilização do tempo e por outro, a aquisição de experiência ao cooperar nas aulas dos colegas.

Esta avaliação teve uma importância vital para o Processo Ensino Aprendizagem, já que é necessário conhecer os Alunos para posteriormente ser elaborado um Planeamento Anual em conformidade com as suas capacidades e necessidades.

Penso que a tarefa mais complexa de realizar no decorrer deste estágio profissional tenha a ver com o momento seguidamente apresentado, a Avaliação Formativa.

Esta avaliação decorreu de duas formas distintas: formal e informal. Ao longo das aulas, em todas as modalidades, os alunos foram sujeitos a avaliações informais. Esta definição de informal significa que era realizada ao longo das aulas, sem que os alunos fossem alertados, principalmente sob a forma de listas de verificação. Apesar disso, os seus resultados foram comunicados à turma, com o objectivo de progredir em direcção aos objectivos pré definidos.

No Badminton, senti que deveria realizar uma avaliação formativa diferente, pois a UT estender-se-ia por dois períodos e imperava a atribuição de uma nota. Assim, alertei os alunos que seriam avaliados antes do final da

UT, de forma a poder obter informações suficientes para classificar os alunos no final do primeiro Período.

Inicialmente, esta tarefa revelou ser muito difícil pois, com a minha inexperiência e com tantas tarefas a realizar, por vezes não fui capaz de prestar a devida atenção. Com o decorrer das aulas, fui tendo uma maior noção da importância da avaliação formativa, e melhorando a minha prestação a este nível. Assim, fui percebendo cada vez mais a importância que esta forma de avaliação compreende. Através dela pude verificar a adequabilidade das metodologias à turma, a evolução dos alunos e o cumprimento dos objectivos propostos. Pude então, verificar quais as metodologias a manter e a modificar.

A última componente a referir é a Avaliação Sumativa. Esta foi utilizada no final de cada UT, com o objectivo de tentar aferir das aprendizagens dos alunos. Para cada modalidade foi construído um protocolo de Avaliação, tendo em conta o nível dos Alunos, o programa e as condições materiais. Ao nível de conhecimentos teóricos foi realizado um teste em cada Período, constituindo este o momento de Avaliação Sumativa Teórica.

Como é sabido, a avaliação dos Alunos pressupõe uma classificação e com esse objectivo, realizei a Avaliação Final, no final de cada período e seguiu os critérios de avaliação definidos pelo Grupo de EF e aprovados pelo Conselho Pedagógico da Escola. Para o cálculo desta nota entram os seguintes elementos com as referidas percentagens: Assiduidade e Pontualidade (10%), Comportamentos e Atitudes (8%), Participação e Empenho (7%), Domínio Motor, notas práticas das modalidades (50%) e o Domínio Cognitivo, testes teóricos (25%).

4.2. Área 2 – Participação na Escola

A segunda área definida pelos documentos orientadores diz respeito a todas as actividades não lectivas realizadas pelo Estagiário, buscando a sua plena integração na Comunidade Escolar (Normas Orientadoras do Estágio Profissional, 2009).

Os meus primeiros momentos de integração foram as reuniões de Departamento, Grupo e Núcleo de Estágio. Nestas ocasiões tentei intervir, pertinentemente, como forma de me envolver nas decisões tomadas e de me tornar num parceiro esclarecido e activo.

Inicialmente senti-me muito inseguro e temeroso em tomar a palavra e expressar a minha opinião. No entanto, com o passar do tempo, fui ganhando o meu espaço e comecei a dar algumas opiniões sustentadas.

Penso que a integração com outros Professores de Educação Física foi bastante fácil, devido à sua abertura à nossa presença. Considero que nos acolheram no seio do grupo com simpatia e compreensão, dada a nossa inexperiência.

Num segundo momento, decorreu a integração com os assistentes técnicos e operacionais. Este grupo recebeu-nos tão bem como o anterior, tendo sempre uma palavra de simpatia, sendo sempre muito atenciosos para comigo.

Também as relações estabelecidas com os professores das outras disciplinas, contribuíram para a plena integração.

Ainda relativamente à minha integração devo falar um pouco acerca da minha participação nos conselhos de turma. Tal como nas reuniões de departamento, iniciei estes momentos com alguma timidez e receio em falar, porém fui evoluindo no sentido de intervir mais vezes.

Posto isto, poderei afirmar que me sinto perfeitamente integrado na Comunidade Escolar. Penso também ter contribuído para o seu desenvolvimento através de realização de algumas actividades.

4.2.1. Actividades organizadas pelo Núcleo de Estágio de EF

O Núcleo de Estágio de Educação Física organizou algumas actividades o que me deu permitiram ganhar alguma experiência nesse âmbito e que contribuíram para uma dinâmica muito positiva na família escolar.

A primeira actividade realizada foi a Ceia de Natal, que foi uma organização conjunta com a Professora Fátima Pereira, orientadora de Filosofia.

Saliento a diversão e convivência agradável vivida por todos os participantes, neste evento. Toda a organização foi pensada ao pormenor, desde a ementa ao grupo musical que actuou.

Algum tempo mais tarde realizou-se uma caminhada ao Sameiro cuja organização esteve a cargo das Professoras Marta Alves e Anabela Amorim, no âmbito do Projecto de Educação para a Saúde. Apesar de não estar envolvido na fase de planeamento e divulgação, apoiei a organização do evento no próprio dia. Senti que foi uma iniciativa muito positiva e com boa adesão por parte dos Alunos, Professores e Assistentes Operacionais.

Após estas actividades participei activamente na Semana da Escola, estando na organização de dois eventos, o “Dona Sport” e o “Rastreio de IMC”.

Acerca do “Dona Sport” não me alongarei, pois será abordado na Área 3. Saliento apenas que se realizou no dia 14 de Abril, envolvendo o espantoso número de 200 Alunos participantes e outros 15 ajudantes da organização.

No dia seguinte organizamos, em conjunto com o PPES, um Rastreio de IMC, % de Massa Gorda, glicemia e tensão arterial. O Núcleo de Estágio de Educação Física esteve responsável pela avaliação do IMC e %MG.

A minha função, mais uma vez, passou pela elaboração do Software de avaliação e armazenamento de resultados. No próprio dia estive a calcular a zona saudável de cada participante e registei na sua ficha individual, dando também alguns feedbacks consoante o resultado

Penso que a actividade foi muito positiva com elevada adesão da comunidade escolar e extra-escolar, com pertinência e competência.

Ao nível de dificuldade de organização, este evento foi mais simples do que o “Dona Sport”, penso também que seria impossível de realizar por uma única pessoa, visto existirem várias tarefas a cumprir com cada participante.

Para além da problemática da integração, e das actividades organizadas, a Área 2 também trata da importante componente que é o Desporto Escolar.

A FADEUP não obriga os Estagiários a participar directamente em determinado desporto, apenas pretende que este perceba a actividade de ensino e treino como um processo pedagógico (Normas Orientadoras do Estágio Profissional, 2009).

No entanto, como a Professora Cooperante ficou responsável pelo grupo equipa de Natação, tive a oportunidade de estar envolvido mais de perto na realidade do Desporto Escolar.

Como ex-praticante desta modalidade não tive muitas dificuldades na sua leccionação, pelo que as Aulas representaram momentos agradáveis, e até reavivaram memórias antigas. Estes momentos proporcionaram-me também algumas aprendizagens, pois o papel de nadador difere do de treinador. Isto significa que não me bastava o padrão motor do movimento, mas também ter o domínio do conteúdo de forma a transmiti-lo.

No seguimento das aulas leccionadas ao grupo/equipa de Desporto Escolar, foi organizada uma época competitiva, desde o nível local, até à competição final nacional.

A primeira aventura foi a participação na 1ª Prova em Celorico de Basto. Apesar do nível inicial dos alunos ser um pouco baixo, os nossos 20 participantes conseguiram 16 primeiros lugares, o que serviu de motivação para o caminho que pretendíamos percorrer. Gostei muito desta experiência, que proporcionou um convívio muito saudável, e a comparação das capacidades dos nossos Alunos com os de outras realidades.

Um segundo momento, talvez o mais desafiante, correspondeu ao encontro de natação realizado nas Piscinas da Rodovia, tendo a organização ficado a cargo do Núcleo de Estágio de Educação Física, encabeçado pela PC Luísa Brandão. Assim, no dia 5 de Fevereiro de 2010, realizou-se o 2º Encontro onde estiveram presentes 4 Escolas: D. Maria II, Celorico, Martins Sarmiento e Sá de Miranda.

Desde o início do mês de Janeiro, que preparámos com antecipação tudo o que iria suceder nesse dia, tentando antecipar e solucionar hipotéticos problemas. Inicialmente, elaborámos o Programa e as fichas de inscrição, que foram enviadas às escolas participantes.

Quando recebemos as informações das escolas, dividimos funções. A mim, foi entregue a tarefa de elaborar o Calendário de Provas e as fichas de prova individuais. O Calendário foi muito trabalhoso, porque tive de consultar sistematicamente as inscrições, nas diferentes provas e distribuir os Alunos das escolas por escalão e sexo.

Após concluir este processo, iniciei a elaboração das fichas de prova. Esta fase foi trabalhosa, mas mentalmente menos cansativa.

No dia da prova, também foram atribuídas funções a cada elemento da organização. No que me diz respeito, fiquei no processamento dos resultados, elaborando as classificações e os tempos finais das diversas provas. Da parte da tarde, terminei a classificação e ordenei-a por escalão e sexo, para ser enviada para a CAE e para as outras escolas.

Após estar envolvido neste processo, apercebi-me do trabalho necessário para organizar um evento desta natureza. Da forma como foi organizado, este torneio era inconcebível ser elaborado por uma pessoa sozinha. Porém, num futuro profissional, com um Grupo de Educação Física cooperante, penso ser capaz de organizar um evento deste tipo. Apesar de cansativa, a organização deste evento foi muito gratificante, pois todas as pessoas saíram satisfeitas.

A partir deste ponto, porque os regulamentos a isso obrigam, os alunos com mais dificuldades foram ficando para trás, ao longo da prova CLDE Braga, do Campeonato Regional e do Nacional. Do nosso grupo inicial de 21 alunos, apenas 3 atingiram esta última fase, e conseguiram mesmo ótimos resultados, tendo conseguido lugares de pódio na maioria das provas em que participaram.

Em resumo, o contacto com o Desporto Escolar, numa modalidade com a qual estava bem identificado à partida, abriu-me novos horizontes, pois vislumbrei que a prática desportiva ainda é algo de motivador, como pude observar pelo número de participantes, o que me proporcionou alguma esperança de melhoria do nível de sedentarismo que impera na sociedade contemporânea. Apenas lamento a muita falta de organização do Desporto Escolar no país. Em primeiro lugar, a falta de organização dos eventos, e em segundo, a falta de informação fornecida a professores e alunos.

4.3. Área 3 – Relações com a Comunidade

A Área 3, tem como objectivo que o estudante estagiário compreenda e integre as componentes da identidade da comunidade onde a escola está inserida (Normas Orientadoras do Estágio Profissional, 2009).

Na minha opinião, a comunidade em que a escola está inserida exerce uma grande influência no processo de ensino-aprendizagem. Assim, este deverá ser um factor a ter em conta no planeamento do Ano Lectivo.

Com o objectivo de conhecer melhor as condições desportivas do espaço circundante à Escola Secundária D. Maria II, realizei, em conjunto com os meus colegas estagiários, uma Caracterização do Meio Desportivo Envolvevente.

Desta forma, pretendemos além de conhecer o meio desportivo envolvente da Escola, abrir ligações tendo em vista enquadrar os Alunos na prática desportiva disponível e que eles queiram abraçar. Foi realizada a análise das condições locais através de uma descrição detalhada do meio desportiva envolvente da Escola. Assim sendo, a nossa análise descreverá as infra-estruturas, as modalidades e os clubes existentes próximo da instituição.

No geral, pude aquilatar que existem mais campos de futebol do que qualquer outra infra-estrutura, embora tal facto não seja limitador da prática de outras modalidades desportivas. Os espaços existentes, pelas suas características, abrem a possibilidade de serem explorados para a prática dessas actividades físicas. De forma geral, constatei que o Município de Braga está bem servido de infra-estruturas desportivas, permitindo e contribuindo para uma população mais activa e conseqüentemente Alunos melhor preparados fisicamente.

O passo seguinte, após conhecer o espaço circundante foi a elaboração de um projecto de uma actividade que envolvesse a Comunidade e a Escola. Como já foi referido na Área 2, em duas ocasiões foram projectadas e realizadas actividades que envolveram a Comunidade. Ambas as actividades foram efectuadas na Semana da Escola, o “Rastreio de IMC” e o “Dona Sport”. Para uma melhor contextualização, o projecto desta actividade está em Anexo.

Como já reflecti sobre a realização do primeiro evento na Área 2, vou-me focar no último.

Como vem sendo tradição da Semana da Escola, a quarta-feira é dedicada à Actividade Física. Portanto, faz todo o sentido que no cardápio desse dia, ocorra a organização de um evento desportivo, este ano denominado “Dona Sport”. Esta actividade foi realizada durante todo o dia, e desenrolou-se também no espaço exterior à Escola. Da parte da manhã, foi realizado o Peddy Paper pelo centro da cidade, que incluía uma estação de provas desportivas na Avenida Central. Para além de ter auxiliado na colocação do material necessário, fiquei responsável pela câmara de chegada. Nesse local eu deveria receber os Alunos, apontando o tempo de chegada, organizando-os para a entrada nas provas seguintes. Do meu posto, para além de realizar a minha função, pude ter uma noção geral de como estavam a decorrer as provas, auxiliando noutras tarefas sempre que necessário.

Esta realização “fora de portas” foi uma iniciativa muito bem conseguida. Penso que o Peddy Paper proporcionou a visita dos alunos a vários monumentos da sua cidade que, provavelmente, muitas vezes nem reparam. Também a população abraçou este evento, tendo-se aglomerado algumas dezenas de pessoas a assistir às provas realizadas na Avenida Central.

No final das provas da manhã, desloquei-me para a escola a fim de organizar o material das provas da tarde. Após a montagem de todo o material, e quase sem tempo para almoçar, iniciou-se o segundo turno de provas. Desta feita, e pelo facto de ter construído o software para calcular automaticamente as pontuações, fiquei responsável pela mesa do secretariado. Inicialmente não estive muito ocupado, tendo podido auxiliar na organização das provas. No entanto, após a chegada dos primeiros resultados, não mais tive essa oportunidade.

No geral, apesar do enorme cansaço, senti-me muito satisfeito com a organização desta prova, quer pela adesão conseguida, quer pela diversão que observei nos Alunos participantes.

Posso afirmar que antes desta data não seria capaz de organizar um evento deste calibre. A organização foi um longo caminho a percorrer. Saliento

o facto de termos trabalhado em conjunto com as Professoras Anabela e Marta, algo a que não estava habituado. O trabalho em grupo é algo de complexo, existindo sempre divergências de opinião, nem sempre pacíficas. Este factor vê-se um pouco agravado quando o grupo de trabalho é inédito. Outro factor que quero destacar é o meu primeiro contacto com o mundo dos patrocínios. Desconhecia o processo de pedido bem como as instituições disponíveis, que acabaram por ser escassas.

Penso poder afirmar que o Núcleo de Estágio conseguiu envolver-se na Comunidade Escolar, promovendo momentos de agradável convivência.

4.4. Área 4 – Desenvolvimento Profissional

Esta última área, diz respeito às actividades importantes para a construção da competência profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação (Normas Orientadoras do Estágio Profissional, 2009).

Neste âmbito, a primeira tarefa proposta pelo regulamento de estágio é a elaboração de uma Projecto de Formação Individual (PFI). Assim, ao longo do primeiro período, por entre o imenso trabalho a que o plano de transição curricular da FADEUP nos submeteu, ouve a necessidade de desenvolver este projecto. Numa fase inicial senti-me um pouco perdido, por não compreender o objectivo, a finalidade, e mesmo o modelo do PFI. Ao longo do processo de elaboração fui compreendendo as razões da sua existência, tornando-se então num labor mais agradável, visto ter uma razão bem viva para existir.

Sobre este tema devo referir que o trabalho acrescentado pelas 2 Unidades Curriculares que tive de frequentar, foi um factor que, de alguma forma, limitou o meu rendimento, e a qualidade do meu PFI.

Por outro lado, só agora percepcionei, em toda a sua plenitude, a utilidade deste trabalho. O PFI representa como que o esqueleto do Relatório de Estágio, sendo um elemento estruturante para esta tarefa, o relatório do Estudante Estagiário.

Outra das tarefas que constam no regulamento emanado pela FADEUP é uma Análise do Sistema Educativo. Supostamente, cada Núcleo de Estágio teria um tema e após a sua preparação minuciosa, deveria apresentá-lo aos colegas de outros Núcleos. Por motivo de excessivo trabalho, a Professora Zélia Matos, regente da Unidade Curricular de Estágio Profissional, decidiu que não seria realizado. Porém, após uma conversa com a Professora Cooperante, achámos interessante realizá-lo de qualquer forma, enriquecendo assim os nossos conhecimentos e colaborando com a escola.

Em correspondência a este desafio, eu e os meus colegas do Núcleo de Estágio, pesquisámos acerca do Tema “Projecto de Promoção e Educação para a Saúde” (PPES) e preparámos a já referida apresentação. Apesar disso, não apresentamos formalmente o trabalho, porém este tornou-nos mais conhecedores do tema trabalhado e permitiu-nos um primeiro contacto com as responsáveis do PPES.

Ao longo desta pesquisa, contactámos com a legislação vigente e com os Responsáveis por este cargo na Escola D. Maria II tendo verificado algumas incoerências entre o que está regulamentado e a realidade escolar.

Na sequência deste trabalho, tendo conhecimento que as Professoras Anabela e Marta são as representantes da Educação Física no PPES da Escola Secundária D. Maria II, pude manter-me em constante actualização acerca de todas as iniciativas propostas neste âmbito. A realização conjunta do “Dona Sport” com o PPES foi a nossa primeira acção de cooperação visando especificamente este projecto. Esta actividade teve em consideração as premissas que este grupo possui e tentou fomentar a noção da importância de optar por um estilo de vida saudável. O envolvimento com este projecto foi levado a um outro nível aquando da Semana da Escola, em que participamos activamente na realização de um rastreio de IMC e percentagem de massa gorda.

Na minha opinião a opção de realizar a Análise do Sistema Educativo foi uma aposta ganha, na medida em que me permitiu conhecer a fundo o modo de funcionamento do PPES e interagir com os responsáveis pelo mesmo, o que me forneceu aprendizagens úteis para o meu futuro profissional. Lamento

o facto dos outros Núcleos de Estágio não terem efectuado o trabalho sobre os seus temas pois seria um importante intercâmbio de conhecimentos.

Segundo a minha interpretação das Normas Regulamentadoras do Estágio Profissional, nesta área cabem os investimentos que eu realizo para complementar a minha formação. Nesse sentido, devo referir a minha presença no Seminário organizado pelo Professor Ramiro Rolim acerca do Modelo de Educação Desportiva. Penso ser fundamental que o final do curso não signifique final de vida de estudante, antes, uma responsabilização para estudar por conta própria, investigando no sentido de evoluir constantemente.

Nesta Palestra, os Professores António Calderón e Isabel Mesquita, apresentaram alguns dos factores da conjuntura actual que solicitam a existência de um novo modelo curricular e novos paradigmas para ensinar o Desporto na escola, podendo ele ser o proposto por D. Siedentop.

Para o meu crescimento também foram muito importantes as conversas com a PC e o OE. Na minha opinião, ambos me ensinaram bastante, tendo-me transmitido inúmeras ferramentas para o meu crescimento enquanto professor e enquanto pessoa. Por outro lado, o facto de estar inserido num Núcleo de Estágio foi um factor muito positivo, pois, tanto as observações realizadas aos meus colegas, como o trabalho em grupo e as trocas de ideias, enriqueceram de uma forma extraordinária esta experiência lectiva.

Por fim, quero também destacar o contacto que tive com a Directora de Turma. Tentei acompanhar de perto, sempre que possível todas as tarefas adstritas a esta função, não me cingindo a comparecer nos conselhos de turma. A professora Isabel é uma pessoa bastante acessível, reconhecendo-lhe a paciência e a atitude de compreensão, que sempre teve, em relação à minha curiosidade.

Nos muitos contactos e interacções mantidas ao longo do ano lectivo, posso afirmar ter-me descoberto a mim próprio adquirido preciosos conhecimentos, fruto de todos estes contactos, que poderei aplicar no meu futuro profissional. Face a esta experiência e a este meu crescimento, sinto-me

hoje mais seguro e consistente para transmitir aos meus Alunos conhecimentos e gosto pela prática desportiva.

5. CONCLUSÃO

5. CONCLUSÃO

Chegado ao final desta experiência, irei reflectir acerca das minhas aprendizagens, numa primeira fase, elaborando num momento posterior, algumas perspectivas futuras.

Em primeiro lugar, gostaria de destacar esta Unidade Curricular que, não obstante da importância da formação teórica, para mim foi a fase mais importante da minha estadia na FADEUP.

Refiro também que a minha actuação se pautou por um investimento a dois níveis principais: o planeamento e a reflexão.

Ao longo deste ano lectivo, na função de Estudante Estagiário, tive a oportunidade de aplicar no contexto real, todos os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação. Este momento não se me afigura como o final da minha formação académica, mas sim, uma responsabilização para estudar sozinho, ou seja, um incentivo para continuar a minha formação.

Devo em primeira instância referir que o Estágio foi um momento de aprendizagem, pelo que impera a necessidade de agradecer aos meus alunos, pois este ano representou uma aprendizagem mútua, minha e deles.

Ao longo deste ano lectivo fui conseguindo suprir as dificuldades que, confesso, eram inicialmente muitas e variadas. O começo desta caminhada foi algo de muito duro, tendo-me provocado alguma incerteza e cepticismo relativamente à minha capacidade para obter sucesso neste novo desafio. O ritmo de trabalho que encontrei na escola foi totalmente diferente do que havia experienciado anteriormente. A turma, essencialmente constituída por meninas, era bastante complicada, nomeadamente, em termos comportamentais, ao nível do desempenho motor e na sua desmotivação para a prática. Os comportamentos dos alunos foram, de alguma forma, o maior desafio que tive de enfrentar. Este facto exigiu de mim um trabalho redobrado, pois as tarefas de gestão da aula tornaram-se muito relevantes e, por vezes, suplantavam as de instrução.

Um outro desafio com o qual me confrontei, foi o ensino da modalidade de Badminton. Devido ao meu desconhecimento sobre esta, vi-me obrigado a

procurar conhecimento didáctico do seu conteúdo. Inicialmente, aquando das primeiras aulas, penso ter estado muito inseguro, todavia, com o meu esforço e muito trabalho de casa, supri essa minha limitação e transmiti aos alunos, os conteúdos fundamentais desta modalidade.

No âmbito do planeamento, devo realçar que a minha evolução ocorreu principalmente em 3 níveis diferentes, na previsão do tempo dos exercícios, na organização didactico-metodológica e nas transições entre exercícios. Sobre o primeiro, posso afirmar que evolui bastante, o que se pode verificar pelo número exagerado de exercícios nas primeiras aulas, que culminava num curto tempo de exercitação. A fase de organização da aula e suas transições, evoluiu de forma mais lenta, e com muita ajuda da Professora Cooperante, que no final de cada aula me fazia reflectir sobre cada exercício.

No campo da acção, uma dificuldade que senti, mais demarcada no início, foi relativamente à precisão na emissão do feedback. Nas primeiras aulas tenho a noção de ter incorrido nalguns erros, tendo os principais sido a não compleição do ciclo FB produto, e a adequabilidade da informação transmitida. Mais uma vez a ajuda da Professora Cooperante se revelou fulcral, nas reflexões realizadas após cada sessão. O ciclo de FB foi mais complicado de conseguir respeitar nas modalidades colectivas, visto serem mais imprevisíveis, ao passo que na Ginástica, fui conseguindo com mais facilidade. No que respeita à adequabilidade da informação, senti mais dificuldades no Badminton pela razão já referida e na Ginástica Artística.

Penso que estas primeiras e principais dificuldades foram ultrapassadas com sucesso, tendo conseguido atingir um nível bastante superior em relação ao inicial.

No final desta caminhada, posso dizer que me sinto preparado para leccionar a disciplina, com o rigor e exigência necessários para elevar a imagem do professor de Educação Física.

5.1. Perspectivas Futuras

Como é por todos conhecido, o índice de desemprego verificado no nosso país, no primeiro trimestre deste ano, a taxa chegou aos 10,6% (Instituto

Nacional de Estatística, 2010). O caso dos professores é cada vez mais um exemplo gritante desta realidade. Naturalmente que o docente de Educação Física não foge desta mesma realidade de empregabilidade. Então, conhecendo este contexto social, a formação da FADEUP prepara os estudantes para actuar em diversas áreas.

Tendo a noção desta realidade, a minha licenciatura foi realizada no âmbito da Exercício e Saúde, já que nos ginásios e academias são uma grande fonte de empregabilidade que, apesar de não ser a minha intervenção predilecta, enquadra-se na minha área.

Após completar o Mestrado, vou frequentar o curso de treinador de Basquetebol de nível 2, aumentando assim o meu raio de acção na área desportiva de competição. Sendo praticante desta modalidade não deverei ter dificuldade em ficar a cargo de uma equipa de formação.

Afirmo ainda com veemência, que pretendo seriamente continuar a minha formação, prosseguindo estudos na FADEUP, se possível numa área ligada ao desporto como promotor de saúde. Penso ser de todo pertinente investir na formação, pois só assim poderei ser um profissional competente e informado. Tentarei sempre dignificar o nome da faculdade, da melhor forma, demonstrando os meus conhecimentos e domínio da matéria, qualquer que seja o meu emprego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDERMAN, R. B. (1983) *Manuel de Psychologie du Sport*. Editions Vigot
- .ALONSO, M. (1998) *Inovação Curricular, Formação de Professores e Melhoria da Escola: uma Abordagem Reflexiva e Reconstitutiva Sobre a Prática da Inovação/Formação*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho
- ALVES, D. (2003) *Determinantes Motivacionais para as Aulas de Educação Física*. D. Alves: Dissertação de Mestrado Apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- ALVES PINTO, C. (1995) *Sociologia da Escola*. Alfragide: Editora Mcgraw-Hill
- AMADO, J. (2000) *Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula (Colecção Ciências Perspectivas Actuais – 1ª Edição)*. Lisboa: Edições ASA
- AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE (2006). *ACSM's Guidelines for exercise testing and prescription*. Seventh Edition. Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins.
- ANDERSON, C. (1982) *The Search of School Climate: a Review of the Research*. São Paulo: Zahar Editores
- BENTO, J. (1998) *O Outro Lado do Desporto*. Campo das Letras
- BIDDLE, S. (1993) *Attribution research and sport psychology*. In: Singer, R.; Murphey, M.; Tennant, L. (eds.). *handbook of research on sport psychology*. New York, MacMillan.
- BRITO, C. (1991) *Gestão Escolar Participada: Na Escola Todos Somos Gestores*. Porto: Texto Editora
- COELHO, J. (2000) *Student Perceptions of Physical Education in Mandatory College Program*. In *Journal of Physical Education*, Nº19. Human Kennetics Publishers
- CRUZ, J. (1996). *Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- CRUZ, J. & BARBOSA, L. (1998) *Stress, ansiedade e confronto psicológico na competição desportiva: Uma nova abordagem de natureza cognitiva*,

- motivacional e relacional. Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 21-70.
- DECI, E. (1977) *Intrinsic Motivation: Theory and Application*. In D. Landers, e R. Christina, (Eds), *Psychology of Motor Behavior and Sport*, Illinois: Human Kinetics
- DUDA, J. (1993) *Goals: A Social-cognitive Approach to the Study of Achievement Motivation in Sport*. In Singer, R.; Murphey, M.; Tennant, L(Eds), *Handbook of Research of sport Psychology*, International Society of Sports Psychology
- DUPONT, P. (1985) *A Dinâmica do Grupo-Turma* (Limitada Coleção Psicopedagogia). Coimbra: Coimbra Editora, L.^{da}
- ESTRELA, M. (1992) *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula* (Coleção Ciências da Educação). Porto: Porto Editora
- FACHADA, M. (1998) *Psicologia das Relações Interpessoais (2ª Edição)*. Lisboa: Edições Rumo
- FERREIRA, J. (2001) *Manual de Psicossociologia das Organizações*. Amadora: Editora Mcgraw-Hill
- FERROS, J. (2002) *Relação Pedagógica nas Aulas de Educação Física: Estudo Comparativo das Interações Ocorridas em Duas Unidades Temáticas Distintas – Ginástica e Voleibol – Ministradas por um Professor, à Mesma Turma*. Porto: J. Ferros. Monografia Apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- FONSECA, A. (1993) *Motivação Para a Prática Desportiva*. Relatório Apresentado às Provas de APCC. FCDEF, Universidade do Porto.
- FONSECA, A. (1999) *Atribuições em Contextos de Actividade Física de Desportiva*. Dissertação de Doutoramento - FCDEF, Universidade do Porto.
- FONSECA, A. (2000) *A Motivação do Jovens para o Desporto e os seus Treinadores*. In Garganta, J. (Eds), *Horizontes e Órbitas no Treino dos Joãos Desportivos*. FCDEF, Universidade do Porto.
- FONSECA, A. e BIDDLE, S. (1996) *Estudo inicial para a adaptação do Task and Ego Orientation in Sports Questionair (TEOSQ) à realidade Portuguesa*. Programa e Resumos da IV Conferência Internacional

- "Avaliação Psicológica: Forma e Contextos" e II Mostra de "Provas Psicológicas em Portugal". Universidade do Minho.
- FONSECA, A. e FOX, K. (2002) *Como avaliar o modo como as pessoas se percebem fisicamente? Um olhar sobre a versão portuguesa do Physical Self-Perception Profile (PSPP)*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, FCDEF, Universidade do Porto, Vol. 2, N. 5, Julho-Dezembro,
- FONSECA, A. e MAIA, J. (2000) *A Motivação dos Jovens para a Prática Desportiva Federada*. Lisboa. Centro de estudos e formação desportiva.
- FONSECA, A., MAIA, J., e MOTA, J. (1999) *Objectivos de Realização e Motivação Intrínseca para a Prática da Educação Física*. 1o Congresso Internacional de Ciências do Desporto. FCDEF, Universidade do Porto.
- FONSECA, A. e PAULA BRITO, A. (2001). *Propriedades Psicométricas da Versão Portuguesa do Intrinsic Motivation Inventory (IMIp) em contextos de actividade física e desportiva*. Análise Psicológica. 1 (XIX), 59-76.
- GARCIA, R. e QUEIRÓS, P. (2001). *A Educação Física Perante os Novos Valores Sociais*. Praxis da Educação Física e dos Desportos.
- HAMPTON, D. (1992) *A Administração Contemporânea*. São Paulo: Editora Mcgraw-Hill
- JAKOBSON, R (1995) *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix
- JESUS, S: (1996) *Influência do Professor Sobre os Alunos* (1ª Edição). Lisboa: Edições ASA
- LANDERS, D. (1986) *Sport and Elite Performers. Olympic Scientific Congress Proceedings*. Illinois, Human Kinetics.
- LAZARUS, R. (2000). *How emotions influence performance in competitive sports*. The Sport Psychologist, 14, 229-252.
- LEMOS, M. (1998) *Estratégias de Motivação em Adolescentes in Psicologia : teoria, investigação e prática - Vol.5, n.º 1 (2000)*
- LOPES, J. (2006) *Influência da Relação Pedagógica no Processo de Integração Escolar dos Alunos*: J. Lopes. Dissertação de Mestrado Apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique
- MARTINELLI, C., MERIDA, M., RODRIGUES, G., GRILLO, D. & SOUZA, J. (2006) *Educação Física no Ensino Médio: Motivos que levam as Alunas*

- a não Gostarem de Participar das Aulas*. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. Tamboré: pp.13-19
- MATOS, Z. (1999) *Estudo da pedagogia do Desporto em Portugal: Contributo para a sua compreensão*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra.
- MATOS, Z. (2009). *Normas orientadoras do Estágio Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Porto: Faculdade de desporto – Universidade do Porto*
- MCAULEY, E., DUNCAN, T. e TAMMEN, V. (1989). *Psychometric Properties of Intrinsic Motivation Inventory in a Competitive Sport Setting: A Confirmatory Factor Analysis*. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. 60(1), 48-58.
- PAIANO, R. (1998) *Ser...ou não fazer: o desprazer dos alunos nas aulas de Educação Física e as perspectivas de reorientação da prática pedagógica do docente*. Dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 1998.
- PINHO, L. (1991) *Comunicação Afectiva e Relacional Professor-Aluno: A Empatia na Relação Educativa Escolar*. Revista Portuguesa de Educação, Nº4 pp.83-97
- POSTIC, M. (1984) *A Relação Pedagógica* (Limitada Colecção Psicopedagogia). Coimbra: Coimbra Editora, L.^{da}
- RANGEL-BETTI, I. (1995) *Educação Física escolar: a preparação discente*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: 16 (3):158-167 Maio/1995.
- Roberts, G. (1992) *Motivation in sport and exercise*. Symposium Motivation in Sport Exercise. Champaign: Human Kinetics.
- ROGERS, B. (2008) *Gestão de Relacionamento e Comportamento em Sala de Aula* (2ª Edição) Porto Alegre: Artmed
- SANTOS, L. (2003) *(Des)Motivação dos Alunos para as Aulas de Educação Física*. Covilhã: Dissertação de Mestrado Apresentada à Universidade da Beira Interior

- SILVA, J. e WEINBERG, R. (1984) *Psychological Foundations of Sport*. Illinois: Human Kinetics.
- SÊCO, J. (1997) *Chamados Pelo Nome: Da Importância da Afectividade na Educação da Adolescência (1ª Edição)*. Oeiras: Instituto de Inovação Educacional
- SHIGUNOV, V. (1991) *A Relação Pedagógica em Educação Física: Influência dos Comportamentos de Afetividade e Instrução dos Professores no Grau de Satisfação dos Alunos*. Lisboa, V. Shigunov. Dissertação de Doutoramento Apresentada à Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana
- VEIGA, F. (1999) *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais*. Coimbra: Almedina
- WEINBERG, R.S. & GOULD, D. (1995). *Foundations of sport and exercise psychology*, Champaign, IL: Human Kinetics.
- Woolfolk, A. (2000) *Psicologia da Educação*, traduzido por Maria Monteiro. Porto Alegre: Artmed

ANEXOS

Ficha de Caracterização do Aluno

1. Identificação Pessoal	
a) Nome: _____ b) Idade: ____	
c) Nome pelo qual pretendes ser tratado: _____	
d) Ano ____ e) Turma ____ f) Nº ____	
g) Sexo: Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/>	

2. A tua relação com a Escola	
a) Qual a escola que frequentavas no ano passado? _____	
b) Porque razão vieste estudar para a Escola Secundária D. Maria II? É mais perto de casa: <input type="checkbox"/> Facilidade de Transporte: <input type="checkbox"/> Pelos amigos: <input type="checkbox"/> Pelas condições da Escola: <input type="checkbox"/> Sugestão dos Pais: <input type="checkbox"/> Outros motivos: <input type="checkbox"/> Quais? _____	
c) Em que tipo de actividades, extra aulas, gostarias de participar na escola? _____	

3. A tua relação com a Educação Física e com o professor de Educação Física	
a) Gostas da Disciplina de Educação Física? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Porquê? _____	
b) O que esperas das aulas de Educação Física? Diversimento <input type="checkbox"/> Desenvolver a musculatura <input type="checkbox"/> Melhorar a saúde <input type="checkbox"/> Bem estar <input type="checkbox"/> Melhorar o espírito de grupo <input type="checkbox"/> Melhorar técnicas <input type="checkbox"/> Aumentar agilidade <input type="checkbox"/> Emagrecer <input type="checkbox"/> Conhecimento das modalidades <input type="checkbox"/> Tonificar a musculatura <input type="checkbox"/>	
c) Hierarchyza, por ordem decrescente, as 3 modalidades que mais gostas de praticar? Andebol <input type="checkbox"/> Ginástica <input type="checkbox"/> Badminton <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Atletismo <input type="checkbox"/> Voleibol <input type="checkbox"/> Futebol <input type="checkbox"/> Outros: _____	
d) Hierarchyza, por ordem decrescente, as 3 modalidades que menos gostas de praticar? Andebol <input type="checkbox"/> Ginástica <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Atletismo <input type="checkbox"/> Voleibol <input type="checkbox"/> Futebol <input type="checkbox"/> Badminton <input type="checkbox"/> Outros: _____	
e) Hierarchyza, por ordem decrescente, as 3 modalidades em que sentes mais dificuldade na prática? Andebol <input type="checkbox"/> Ginástica <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Atletismo <input type="checkbox"/> Voleibol <input type="checkbox"/> Futebol <input type="checkbox"/> Badminton <input type="checkbox"/> Outra: _____	
f) Hierarchyza, por ordem decrescente, as 3 modalidades em que sentes menos dificuldade em praticar? Andebol <input type="checkbox"/> Ginástica <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Atletismo <input type="checkbox"/> Voleibol <input type="checkbox"/> Futebol <input type="checkbox"/> Badminton <input type="checkbox"/> Outra: _____	
g) Qual é a tua motivação para a aula de Educação Física? Muita <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/> Pouca <input type="checkbox"/> Muito pouca <input type="checkbox"/>	
h) Habitualmente tomas banho no final da aula de Educação Física? Nunca <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>	
i) Indica três características que mais aprecias num Professor de Educação Física: Exigente <input type="checkbox"/> Disciplinado <input type="checkbox"/> Compreensivo <input type="checkbox"/> Comunicativo <input type="checkbox"/> Bem-disposto <input type="checkbox"/> Participativo <input type="checkbox"/> Justo <input type="checkbox"/> Pontual <input type="checkbox"/> Pouco comunicativo <input type="checkbox"/> Amigante <input type="checkbox"/> Intolerante <input type="checkbox"/> Outra _____	
j) Indica três características que menos aprecias num Professor de Educação Física: Exigente <input type="checkbox"/> Disciplinado <input type="checkbox"/> Compreensivo <input type="checkbox"/> Comunicativo <input type="checkbox"/> Bem-disposto <input type="checkbox"/> Participativo <input type="checkbox"/> Justo <input type="checkbox"/> Pontual <input type="checkbox"/> Pouco comunicativo <input type="checkbox"/> Amigante <input type="checkbox"/> Intolerante <input type="checkbox"/> Outra _____	

4. Saúde e Alimentação

a) Vais com frequência ao médico? Sim Não

b) Tens algum dos seguintes problemas?

Respiratórios: Sim Não Quais _____ Cardíacos: Sim Não Quais _____

Motores: Sim Não Quais _____ De Coluna: Sim Não Quais _____

Epilepsia:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Diabetes:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Anemia:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Obes:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Pé Plano:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Alergias:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Audição:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Visão:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>

Outros: Sim Não Quais? _____

c) Tens algum problema que te dificulte a prática da actividade física? Sim Qual? _____ Não

d) Já alguma vez foste sujeito a uma intervenção cirúrgica? Sim Qual? _____ Não

e) Costumas adoecer com frequência? Sim Não

f) Costumas tomar pequeno-almoço antes de te deslocares para a escola? Sim Às vezes Não

g) Quantas refeições fazes por dia? 1 2 3 4 +de 4

h) Onde costumavas realizar as tuas refeições? Casa Escola Outro

i) Fumas? Sim Não

j) Dormes bem? _____

k) Qual é a média de horas que dormes por dia? K.1) Durante a semana _____ K.2) Ao fim-de-semana _____

5. Actividade Física fora das aulas de Educação Física

a) Praticas algum desporto fora da Escola? Não Sim Qual? _____

b) Se sim, quantos dias treinas por semana? 1 2 3 4 5 c) Quantas horas por dia? _____

c) És federadola? Não Sim Se sim, em que clube? _____

d) O teu pai pratica alguma actividade física?

- Sim Qual (quais)?: _____

Há quanto tempo? < de 1 ano 1-2 anos 2-3 anos > de 4 anos

Quantas horas por semana? 1-2h 2-4h 4-6h + de 6h

- Não

O teu pai já praticou alguma actividade física? Sim Não Se sim, qual(quais)? _____

e) A tua mãe pratica alguma actividade física?

- Sim Qual (quais)?: _____

Há quanto tempo? < de 1 ano 1-2 anos 2-3 anos > de 4 anos

Quantas horas por semana pratica? 1-2h 2-4h 4-6h + de 6h

- Não

A tua mãe já praticou alguma actividade física? Sim Não Se sim, qual (quais)?: _____

f) O(s) teu(s) irmão(s) / irmã(s) praticam alguma actividade física? Sim Não

Se sim, quem pratica e o quê: _____

Anexo 2



1. Identificação do Aluno:

Nome:		Data de nascimento: / /19	
Curso:		Turma: n.º:	
Nacionalidade:		Email:	
Morada:		Telm:	
Freguesia:			
SASE: Escalão A <input type="checkbox"/> Escalão B <input type="checkbox"/> Sem escalão <input type="checkbox"/>			
Computador: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> internet: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			

2. Identificação do Agregado Familiar

Mãe

Nome:		Idade:	
Morada:		Telefone:	
Email:		Tlm:	

Pai

Nome:		Idade:	
Morada:		Telefone:	
Email:		Tlm:	

Encarregado de Educação: Mãe Pai Outro

Nome:		Idade:	
Morada:		Telefone:	
Email:		Tlm:	

N.º de Pessoas do agregado familiar			
Quem?			
Quantos irmãos?			
Idade	Escola que frequenta	Profissão	

3. Dados sociais dos Agregado familiar:

Habilitações Académicas dos Pais/Encarregados de Educação	Pai	Mãe
1º Ciclo		
2º Ciclo		
3º Ciclo		
Ensino secundário		
Bacharelato		
Licenciatura		
Pós-graduação		
Mestrado		
Doutoramento		

Categorias Socioprofissionais	Pai	Mãe
Agricultores e Pescadores Independentes		
Empresários da indústria e do Comércio		
Quadros técnicos		
Empregados de Comércio e Serviços		
Trabalhadores de Produção		
Trabalhadores Agrícolas e de Pesca		
Pessoal dos Serviços Pessoais e Domésticos		
Professores		
Militares		
Domésticos		
Desempregados		
Reformados		
Outros		

4. Caracterização do percurso escolar do aluno:

4.1. Estabelecimento de ensino frequentado no ano lectivo anterior:

E.B. André Soares E.B. Dr.Franc.Sanches E.B. de Gualtar E.B. de Nogueira

E.B. de Lamações ESDMII E.B. Cávado E.B. Palmeira

Outros Qual? _____

4.2. Motivos que conduziram à selecção da ESDMII

Proximidade à residência

Amigos na ESDMII

Familiares na ESDMII

Resultados escolares

Outros Quais? _____

4.3. Teve alguma retenção? Sim Não

4.4. Qual/quais?

Anos escolares	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
N.º de retenções												

4.5. Indique as disciplinas preferidas? (Indique 3) _____

4.6. Indique as disciplinas em que tem mais dificuldades? _____

4.7. Indique a/as razão/ões a que se devem essas dificuldades:

- Por causa da matéria;
- Conversas na aula;
- Estudo pouco/ não estudo;
- Estou distraída/o;
- Não tenho interesse;
- Não faço os TPC;
- Não gosto da disciplina; Qual? _____
- Outra razão. _____

4.8. Costuma frequentar alguma Biblioteca? Sim Não Qual? _____

5. Dados gerais

5.1. Saúde:

Dificuldades: visuais auditivas motoras de linguagem

Doenças/alergias:

- Dermatológicas Aparelho respiratório Alergias Neurológicas
- Outra: _____

Habitualmente toma medicamentos? Sim Não Quais? _____

Toma regularmente o pequeno-almoço: Sim Não Em casa Na escola Outro

5.2. Deslocação casa/ escola?

Transporte : A pé De carro próprio De boleia De transporte público

Distância: até 1 Km de 1 a 5Km de 5 a 10 Km Mais de 10 Km

Duração: Menos de 10 min Entre 10 e 20 min Entre 20 e 30 min
Entre 30 min e 1hora Mais de 1 hora

6. Identificação das actividades extra-escolares

Especifique as actividades. Numere-as por ordem de interesse.

1. A praticar desporto Desportos praticado _____
2. A ouvir música Músicas preferidas _____
3. A ver televisão Programas preferidos _____
4. A ler Leituras preferidas _____
5. A ver filmes Filmes preferidos _____
6. A coleccionar O quê? _____
7. Outras actividades Quais? _____

7. Caracterização do nível de Expectativas do aluno:

Se dependesse só de si, continuava a estudar? Sim Não

Habilitações Académicas	
3º Ciclo completo (9º ano)	
Ensino Secundário completo (12º ano)	
Ensino Superior	
Ensino Profissional	
Outros: Ex. Doutoramento	

Categorias Socioprofissionais	
Agricultores e Pescadores Independentes	
Empresários da indústria/ Comércio	
Quadros técnicos:	
PROFESSORES	
MÉDICOS	
ENGENHEIROS	
ARQUITECTOS	
ADVOGADOS	
CIENTISTAS/ INVESTIGADORES	
Empregados de Comércio e Serviços	
Trabalhadores de Produção	
Trabalhadores Agrícolas e de Pesca	
Pessoal dos Serviços Pessoais e Domésticos	
Militares	
Domésticos	
OUTROS	

8. Se já é aluno da Escola Secundária D. Maria II, indique:

8.1. Um ponto forte da nossa escola; _____

8.2. Um ponto fraco da nossa escola; _____

Anexo 3

Projecto

D. Sport

Projecto Elaborado por: João Ribeiro
Luís Macedo
Tânia Oliveira

Março, 2010

Introdução

O presente documento surge no âmbito do Estágio Profissional da Faculdade de Desporto de Educação Física, nomeadamente na área 2 e 3 - Participação na Escola e Relação com a Comunidade, respectivamente.

O projecto que se segue refere-se ao Dia Dona Sport, prova desportiva que decorrerá no dia 14 de Abril de 2010, durante a Semana da Escola Secundária D. Maria II.

O Dona Sport tem como principal preocupação fomentar o espírito desportivo, bem como as relações entre os elementos da Comunidade Escolar.

A prova ficará a cargo do Núcleo de Estágio de Educação Física e das Professoras Anabela Amorim e Marta Alves, pelo PEES tendo, é claro, a colaboração dos demais Professores da Disciplina de Educação Física e Alunos da Associação de Estudantes.

I – Objectivos

O Dona Sport é um evento desportivo que procura enriquecer a Comunidade Escolar nas mais variadas valências e como tal assume os seguintes objectivos:

- Fomentar o gosto pela actividade física e reforçar o seu papel no desenvolvimento integral dos Alunos e demais participantes;
- Promover a actividade física no meio escolar;
- Proporcionar novas experiências desportivas;
- Enriquecer o nível motor, cognitivo e social dos Alunos;
- Estreitar relações de grupo, como cooperação, amizade e solidariedade;
- Contribuir para o reforço do papel do Professor de Educação Física;
- Estreitar relações entre os elementos da Comunidade Escolar.

II - Organização

O evento será organizado pelo Núcleo de Estágio de Educação Física e pelas Professoras Anabela Amorim e Marta Alves, pelo PEES.

III – Colaboração

Para a realização desta actividade contamos com a colaboração dos Professores de Educação Física, Assistentes Operacionais e alguns Alunos.

Os Alunos recrutados serão elementos da Associação de Estudantes, que estejam disponíveis para trabalhar connosco voluntariamente.

Será realizada uma reunião, a definir posteriormente, onde serão relatadas as tarefas de cada colaborador, bem como os detalhes desta actividade.

- **Peddypapper**

- 10 Professores
- 12 Voluntários

- **Multiprovas**

- 6 Professores;
- 10 Voluntários

IV – Programa

O Dona Sport irá ser realizado no dia 14 de Abril de 2010, integrado na Semana da Escola Secundária D. Maria II. Para além dos Professores do Grupo de Educação Física, também participarão os Alunos da Associação de Estudantes na organização do Evento.

Provas	Espaços
PeddyPaper	Cidade de Braga
Multi-provas	Espaço Exterior

Actividades	Fevereiro	Março	Abril
Projecto	X		
Pedido de patrocínios	X		
Cartazes alusivos		X	X
Cartazes das provas		X	X
Regulamentos		X	
Fazer diplomas/inscrições	X	X	X
Simulação da prova		X	
Inscrições		X	
Calendário de provas	X		
Material necessário	X	X	X
Falar com os colegas/inscrições		X	
Reuniões Grupo/Alunos		X (Grupo)	X (Alunos)
Preparar as Provas		X	X

De manhã irá ser realizado um PeddyPaper na Cidade de Braga, fora do espaço escolar. A prova terá início pelas 09h30m na entrada da Escola.

De tarde, as provas terão início pelas 14h30m, no campo exterior 1 e serão as seguintes: Matrecos Humanos; Bola Partilhada; Caminhada Unida; Tiro com Arco; Orientação às escuras.

PROGRAMA DO DIA:

Horas	Actividades	Pessoal	Local
8:00h	Montagem das Provas	Organização	
8:30h	Reunião do Comité Organizativo	Todos	Gabinete
9:00h	Abertura do Secretariado (Credenciação)	4 Professores e 4 Alunos	Entrada da escola
9:30h	Início do Peddypaper	2 Professores e 2 Alunos	Entrada da escola
12:30h	Intervalo para Almoço	Todos	
13:00h	Montagem das Provas	Todos	Espaço Exterior
14:30h	Início das Multi - Provas	Todos	Espaço Exterior
17:00h	Fim das Provas	Todos	Espaço Exterior
17:15h	Cerimónia de Encerramento e Entrega dos Prémios	Todos	Espaço Exterior

V – Equipas/ Equipamento

Equipas

O limite máximo de equipas a participar no Dona Sport será de 50.

A equipa será composta por 5 elementos.

Cada equipa terá de ser mista, sendo pelo menos um dos elementos do sexo oposto.

Cada participante apenas se pode inscrever numa equipa.

Equipamento necessário

Peddypaper/ Multi-Provas

- Calças ou calções;
- T-shirt;
- Sapatilhas.

VI – Regulamento

5.1 Peddypaper

- A prova decorrerá no centro de Braga, com partida da entrada da Escola.

- Cada equipa estará munida de um mapa e de um documento relativo à prova onde serão assinaladas as pontuações relativas a cada tarefa nas diferentes estações.

- A perda, adulteração ou danificação do documento do pedypapper significa a perda da pontuação obtida.

- A pontuação final corresponde ao somatório dos pontos obtidos em cada estação e ao tempo que a equipa demorou a realizar o percurso.

5.2 Multi - Provas

5.2.1 Matrecos Humanos

- As equipas constituídas por 5 elementos distribuem-se pelos espaços destinados segundo a calendarização;

- Os jogos terão a duração de 5 minutos;

- Será feito um mini-campeonato;

- As equipas que não estiverem a jogar, aguardam a sua vez pacientemente, observando o jogo que estiver a decorrer.

- As regras relativamente à realização desta tarefa serão explicadas no local.

5.2.1 Caminhada unida

- A equipa tem de chegar ao final da prova sem que os seus elementos se separem, se tal acontecer devem voltar a atar-se antes de continuar.

- O melhor tempo corresponde à melhor pontuação.

- A pontuação máxima corresponde ao total de equipas inscritas.

- Nesta prova participam os 5 elementos da equipa com os pés atados uns aos outros, lado a lado, percorrem um percurso de obstáculos.

5.2.2 Tiro com Arco

- Nesta prova cada elemento da equipa tem direito a 3 tiros ao alvo (3 flechas para cada participante) a uma distância pré definida.

- A pontuação de cada tiro será atribuída conforme a zona do alvo em que a flecha se fixar.

- A pontuação total é o somatório dos pontos conseguidos por cada participante.

5.2.3 Bola Partilhada

- Nesta prova participam 4 elementos da equipa.

- A prova é realizada sob a forma de estafetas:

2 Alunos transportam uma bola entre as costas, num percurso de obstáculos e após concluído o percurso passam a bola aos outros 2 colegas de equipa.

- O melhor tempo corresponde à melhor pontuação.

- A pontuação máxima é igual ao total de equipas Inscritas.

5.2.4 Orientação às escuras

- Nesta prova participam 2 Alunos de olhos vendados a percorrer um percurso até à campainha, orientados pelos outros colegas.

- O melhor tempo corresponde à melhor pontuação.

- A pontuação máxima é igual ao total de equipas inscritas.

VII - Classificação

Cada prova terá uma pontuação isolada das restantes. No final de serão somadas as pontuações de cada prova – Troféu Total e Troféu Peddy-Paper - para obter a classificação final.

VIII - Prémios

As equipas que ficarem nos 3 primeiros lugares irão receber, das mãos do Director da Escola, Medalhas referentes à respectiva classificação.

Todos os Participantes irão receber diplomas de participação e lanche.

O mesmo sucederá com os ajudantes na organização da prova.

IX – Funções

9.1 Peddypaper

Esta prova irá decorrer no centro da cidade de Braga e necessitará da ajuda de 10 Professores e 15 Ajudantes.

9.2 Multi-Provas

Esta prova irá decorrer no Campo Exterior.

As provas realizadas no campo exterior contarão com a presença de Professores e 15 Ajudantes, 10 Professores.

X – Logística

Para a realização desta prova, será necessário requisitar / angariar vários tipos de materiais:

10.1 Peddypapper

Material	Quantidades	Fornecedores
Folhas de Perguntas	Várias	ESDM II
Canetas	Várias	ESDM II
Garrafas de Água	2	ESDM II
Ski	2	Luísa
Malhas	Várias	ESDMII
Material de Hóquei	Vários	Luísa
Cordas	Várias	ESDMII

10.2 Multiprovas

Material	Quantidades	Fornecedores
Arco e flechas	1	Estagiários
Alvo	Vários	Estagiários
Arcos	10	ESDM II
Bancos Suecos	3	ESDM II
Barreira de Atletismo	1	ESDM II
Bloco de apontamentos	1	ESDM II
Bola de Futebol	1	ESDM II

Canetas	Várias	ESDMII
Cartões de prova	50	Fazer
Colchões	2	ESDM II
Colchão de Esponja	1	Comprar
Cones	Vários	ESDM II
Corda	1	ESDM II
Cronómetro	2	ESDM II
Folhas de Registo	Várias	ESDM II
Insuflável	1	Alugar
Mesas	3	ESDM II
Ripas de Madeira	8	Estagiários
Sino	1	Comprar
Vendas	2	Comprar

XI – Áreas de intervenção

- Área de Divulgação

A Área de Divulgação estará a cargo do Núcleo de Estágio. Serão afixados por toda a escola cartazes e meios de propaganda activa para a divulgação do Evento. Paralelamente irá ser distribuído a todos os Encarregados de Educação um papel com toda a informação, no sentido de fomentar a participação de toda a Comunidade Escolar. Para além disso, todos os Professores de Educação Física serão solicitados a informar os seus Alunos.

- Área Técnica

Esta área tem como função dirigir e controlar a actividade para que tudo corra como o planeado.

O corpo técnico será constituído pelo Núcleo de Estágio de Educação Física, professora Anabela Amorim e Marta Alves (PEES), que também contarão com o apoio do restante Grupo de Educação Física e com os Funcionários de Educação Física.



Projecto do Desporto Escolar - Natação



Projecto Elaborado por: João Ribeiro
Luís Macedo
Tânia Oliveira

Novembro, 2009

I - Identificação do Projecto

1.1 Nome do Projecto

Desporto Escolar do Grupo de Natação

1.2 População – alvo

Alunos da Escola Secundária D. Maria II

Alunos Praticantes

N.º	Nome	Data Nasc.	Género	Ano	Turma
1	Lília Lopes	25-12-1994	Feminino	10	I
2	João Sousa	11-10-1994	Masculino	10	C
3	Ricardo Jorge Coroas Rodrigues	04-07-1994	Masculino	10	F
4	João Rogério de Castro Mendes	17-07-1993	Masculino	11	B
5	Eduarda Rocha	11-08-1994	Feminino	10	J
6	Ana Rita Teixeira	02-02-1994	Feminino	10	J
7	Joana Filipa Paulo	22-06-1993	Feminino	11	B
8	Leonor Keating	16-11-1993	Feminino	11	P
9	Maria Catarina Machado	13-08-1990	Feminino	12	A
10	Sílvia Mariana Dias Barros	28-11-1992	Feminino	12	D
11	Ricardo Araújo	03-10-1992	Masculino	12	D
12	Ana Filipa Silva	29-07-1992	Feminino	12	F
13	Dalila Abreu	05-05-1992	Feminino	12	F
14	Maria Luís Miranda	09-04-1992	Feminino	12	F
15	Patrícia Martins	01-05-1992	Feminino	12	I
16	Cristina Fernandes	08-03-1992	Feminino	12	K
17	Catarina Oliveira	13-07-1990	Feminino	12	K
18	Bruno Amarante	15-08-1992	Masculino	12	K
19	Joana Barbosa	14-07-1992	Masculino	12	I
20	Nuno Filipe Rodrigues	18-02-1994	Masculino	10	B

21	Joana Pessoa	09-05-1993	Feminino	10	F
22	Sara Ferreira	22-05-1993	Feminino	10	F
23	Daniela Magalhães	29-09-1994	Feminino	10	F
24	Diogo Palhares	11-12-1993	Masculino	11	E
25	Joana Marques	08-01-1993	Feminino	11	F
26	Catarina Ferreira	14-12-1993	Feminino	11	F
27	Márcia Clara Rodrigues	13-05-1993	Masculino	11	F
28	João Luis Santos	28-01-1994	Masculino	10	B
29	Ivo Carvalho	20-05-1994	Masculino	10	F
30	Hugo Rafael	20-07-1993	Masculino	10	J
31	Mariana Seixas Lopes	06-01-1992	Feminino	11	B
32	Tomás Vasconcelos	25-10-1992	Masculino	12	C
33	Ana Raquel Machado	11-04-1991	Feminino	12	A
34	Jorge Daniel Rodrigues	18-09-1993	Masculino	10	J
35	Ricardo Salgado Gomes	09-11-1992	Masculino	12	G

Alunos Árbitros/Juízes

N.º	Nome	Data Nasc.	Género	Ano	Turma
	João Mendes	12-07-1993	Masculino	11	B
	João Sousa	11-10-1994	Masculino	10	C
	Ricardo Jorge Coroas Rodrigues	04-07-1994	Masculino	10	F

1.3 Horizonte Temporal

Ano Lectivo 2009/2010

1.4 Local

Piscina Municipal da Rodovia

II - Finalidade

Dar a conhecer aos Alunos as implicações e benefícios de uma participação regular nas Actividades Físicas e Desportivas Escolares, valorizá-las do ponto de vista cultural e compreender a sua contribuição para um estilo de vida activa e saudável.

III - Objectivos

1. Desenvolver nos jovens as competências necessárias para a formação de indivíduos tolerantes, responsáveis, autónomos, solidários, trabalhadores, com espírito crítico e moralmente interventivos;
2. Organizar actividades de complemento curricular;
3. Aplicar as competências adquiridas nas aulas de Educação Física;
4. Identificar possíveis talentos desportivos;
5. Exercitar/aperfeiçoar a técnica dos diferentes estilos.

IV - Organização

O Grupo do Desporto Escolar de Natação irá ser constituído por Alunos de vários escalões, e será misto - rapazes e raparigas. No que diz respeito ao horário, vai funcionar sempre à sexta-feira em dois horários distintos: das 10h30 às 12h00 e das 14h00 às 15h00.

A Professora Maria Luísa Brandão é a responsável pelo Grupo, sendo que ao longo de todas as actividades terá o apoio dos 3 Estagiários da FADEUP - João Ribeiro, Luís Macedo e Tânia Oliveira.

Os Alunos serão organizados em grupos de trabalho segundo as suas capacidades.

Para além dos treinos semanais, irá ser organizada uma competição Inter-Escolas com os outros Grupos de Desporto Escolar, e iremos participar nas competições organizadas pelos Grupos das outras Escolas.

Os estagiários terão acções a vários níveis: auxiliar na orientação dos Alunos, participar nas provas organizadas pelo grupo da escola e pelas outras escolas, ajudar ou elaborar os Planos de Aula, organizar a prova de natação em conjunto com a Professora Responsável e participar nas sessões semanais.

V - Propaganda Activa

Na divulgação da actividade, a Professora Luísa Brandão elaborou um cartaz que referia o horário, o local e a forma de inscrição. Para além desse meio, ainda foi pedido aos Professores de Educação Física que falassem às suas turmas sobre esta actividade.

Após as inscrições dos Alunos, foi colocada nos cartazes a data de início dos treinos, em conjunto com uma aviso que circulou nas turmas que tinham Alunos inscritos.

